

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ÁREA: JORNALISMO

DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA

PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO

**O DESLUMBRAMENTO FRENTE À INTERNET:
UMA ANÁLISE CRÍTICA**

ANDREA DOS SANTOS PEREIRA NUNES

MATRÍCULA Nº 20164330

Brasília/DF, Junho de 2005

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ÁREA: JORNALISMO

DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA

PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO

**O DESLUMBRAMENTO FRENTE À INTERNET:
UMA ANÁLISE CRÍTICA**

ANDREA DOS SANTOS PEREIRA NUNES

MATRÍCULA Nº 20164330

Brasília/DF, Junho de 2005

TÍTULO: O DESLUMBRAMENTO FRENTE À INTERNET: UMA ANÁLISE CRÍTICA

AUTORA: ANDREA DOS SANTOS PEREIRA NUNES

ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Data: __/__/__

Aprovado por:

RESUMO

O presente trabalho se concentra na análise crítica da internet e da desmistificação do seu uso como ferramenta cultural e educacional de maneira a apontar falhas na estrutura dos sites e nos conteúdos neles armazenados, tendo em vista que os veículos de informação e comunicação devem oferecer à todos os cidadãos, de forma equânime, formação qualitativa e compreensão ampla dos assuntos abordados. No Brasil, ainda existem distorções inconcebíveis e irreconciliáveis com a adoção de novas tecnologias. Faz-se mister discutir algumas dessas questões dentro desse panorama, de modo que se possa encarar os novos desafios da cultura cibernética livres dos desafios socioeconômicos que ainda permeiam o cotidiano do cidadão brasileiro. O potencial das novas mídias deve estar a serviço da valorização do indivíduo enquanto construtor do conhecimento da sua realidade. Ainda nesse sentido, a perda gradativa do hábito da leitura é considerada preocupante quando decorre da substituição do livro pelas novas tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: internet, sociedade da informação, pós-modernidade, livro.

SUMÁRIO

1 – Introdução	01
2 – Metodologia e Fundamentação Teórica	13
3 – Capítulo 1: A internet como potencializadora da segregação social no Brasil	21
4 – Capítulo 2: Realidades virtuais supersaturadas e a fragmentação esquizofrênica	36
5 – Capítulo 3: A pós-modernidade no caminho do pré-apocalipse	47
5.1 – Anarquia ao extremo: ilegalidades na rede	65
6 – Capítulo 4: Livro, tecnologia cultural insuperável	73
7 – Conclusão	84
8 – Referências Bibliográficas	91

1 – INTRODUÇÃO

*“Não é válido formular o problema nesses termos:
‘é bom ou mau que exista a cultura de massa?’.
Quando na verdade, o problema é (...) qual a ação cultural
possível a fim de permitir que estes meios de massa
possam veicular valores culturais?”
Umberto Eco, em *Apocalípticos e Integrados**

As sociedades mundiais vivem hoje um novo paradigma, filho da pós-modernidade e dos grandes avanços tecnológicos em curtíssimos espaços de tempo, cujos efeitos vêm promovendo – à medida que é legitimado – reconfigurações nos processos de comunicação, e, conseqüentemente, na maneira de pensar de todas as sociedades. Importante lembrar que esse paradigma não se constituiu a partir da apresentação de um novo postulado teórico ou manifestação social, mas sim de uma fascinação pelo progresso científico, que passou a gradativamente se consolidar no mundo todo a partir da II Guerra Mundial, substituindo o humanismo filosófico e literário europeu da época pelo capitalismo tecnicista norte-americano. Assim, vive-se hoje, o ápice de um modelo consumista, potencializado pelas novas tecnologias: um mundo movido pela velocidade com que são criados novos produtos e, principalmente, pelo lucro que podem vir a oferecer no mercado. Além disso, o deslumbramento diante dos avanços proporcionados pelas máquinas cegou as populações do mundo inteiro, que seguem uma corrente tecnicista sem nem mesmo saber os males que podem vir a provocar no seu dia-a-dia a exposição excessiva a esse meio.

O tempo está escasso. As sociedades realizam suas atividades de maneira cada vez mais veloz, na tentativa de executar mais tarefas em menos tempo, transformando a seqüência dos fatos na simultaneidade deles. Hoje, lê-se jornal enquanto a televisão está ligada; fala-se no telefone enquanto o carro está em movimento e checam-se *e-mails* enquanto dezenas

de outros sites são explorados na internet. A revista *Super Interessante* de março de 2005, revelou o resultado de uma pesquisa curiosa: o tempo, para uma pessoa hoje passa muito mais depressa do que para alguém que viveu há alguns anos. A estimativa é de 1,08 vez, para quem tem 24 anos, a 7,69 vezes, para quem tem 62 anos. Os pesquisadores responsáveis, James Tien e James Burnes, afirmam a diferença ser causada pelo período de exposição à vida em alta velocidade. Ainda assim, não se pode dizer que as novidades de hoje aceleraram a vida cotidiana mais que as de um século atrás. Se compararmos os avanços tecnológicos de 1895 até 1915, por exemplo, – os elevadores, metrô, automóveis, caminhões, ônibus e aviões que apressaram o movimento físico, e o cinema e o rádio, que ampliaram a visão e a audição – com o computador pessoal, a digitalização, o telefone celular, as secretárias eletrônicas e a internet, é difícil afirmar que a sensação de que tudo está mais rápido aumentou. O que então dá impressão de velocidade? As novas invenções se disseminam muito mais rápido, hoje em dia, por tantos lares possíveis do que há um século, afetando mais pessoais, mais depressa. E o turbilhão de informações, imagens rápidas e mídias, a explosão de velocidade mais importante do século XXI, tornou a vida mais acelerada que nunca.

Assim, faz-se necessária uma análise crítica e contextualizada dos efeitos prejudiciais que podem vir a causar na sociedade os (des)valores pós-modernos consumistas, individualistas, fragmentados e cada vez mais esvaziados de sentido, que não param de se enraizar. As pessoas cada vez mais aderem às novas tecnologias sem nenhum tipo de reflexão prévia das consequências que essa exposição excessiva ao meio pode causar, assim, mais importante é expor à sociedade prejuízos causados a curto, médio e longo prazo, alguns já visivelmente determinantes na maneira de raciocinar dos indivíduos. Raramente, encontram-se estudos relacionados à supersaturação das informações superficiais em detrimento do

deslumbramento inabalável frente às tecnologias, fato que demonstra não só a necessidade de produzir um material crítico sobre o assunto, mas de reconhecer as mudanças – aparentemente desconhecidas – causadas pelo novo paradigma. Os processos comunicacionais, em especial, tornaram-se distorções alegóricas. As informações são produtos e como tal devem seduzir o indivíduo. Cada vez mais tendenciosa, prioriza o espetáculo e as situações episódicas, personalizadas e conflitantes, porque quebra sistematicamente assuntos de complexidade intensa e níveis profundos de entendimentos em minúsculos pedaços. Essa simplificação em excesso leva automaticamente à idiotização das massas, que estão cada vez mais alheias à vida política e social do país, descaracterizando totalmente o conceito de real democracia. A distorção é o menor dos impactos políticos das mídias quando se fala da desmobilização social crescente da população.

O presente trabalho visa discorrer sobre as modificações sociais resultantes do uso inadequado da internet, apontando seus diversos malefícios muitas vezes invisíveis a olho nu - especialmente porque não há tempo para enxergá-los. A pretensão é que o trabalho se constitua uma espécie de antídoto contra a má influência das ideologias atuais, apontando efeitos nocivos que já vêm modificando a sociedade brasileira, sem muitas vezes saber disso. Hoje, prioriza-se o dinheiro ao invés do tempo, preferindo buscar prazeres e confortos na compra de mercadorias mesmo com a garantia de se tornarem obsoletas cada vez mais depressa, em vez de buscar o lazer coletivo. Alguns reclamam do custo alto demais e demonstram saber que um dia terão de reduzir a velocidade, imbuídos da sensação de que o tempo está cada vez mais sendo engolido. É preciso ficar a alerta. O educador e humanista, Paulo Freire (1921-1997), uma vez disse que “o homem é maior que sua agenda”. É preciso assumir essa dimensão para fazer o uso correto dessa tecnologia. Caso contrário, o mundo será escravizado por um sistema tão preciso e eficiente que não deixa espaço para a vida nem para o acaso.

A rede mundial obedece a uma convulsão lenta e crescente, em que seus conteúdos, cada vez mais dissolvidos, soam como opção única e verdade suprema, ainda que sua multiplicidade seja sua característica principal. Sob a superfície da aparente unidade de sabedoria, a internet se consolida como fonte inexorável do saber. Mas de onde vem esse saber? Não são aqueles criados pelo próprio homem? Assim, fica nos indivíduos uma falsa sensação de superioridade qualitativa dos conhecimentos quando na verdade, a superioridade se limita à quantidade. A linguagem da rede, imperativa, transforma as informações, carentes de credibilidade, em verdades absolutas. Mas que solidez apresentam para que se acredite nelas? Existem dentro dos indivíduos como um legado ou como um esquecimento? Ou, pelo contrário, mantêm-se do lado de fora, naquilo que chamam de coletividade, dali convergindo para a nossa mente e as nossas conclusões?

Nas sociedades em que convivem dois mundos segregados pelo poderio econômico, que mais colidem do que interagem – como é o caso do Brasil – o paradigma das novas tecnologias é inserido de forma mal planejada, sem um desenvolvimento sustentável e totalizante, causando aumento dos privilégios sociais para apenas uma classe e um desvirtuamento generalizado dos seus usos pelas massas – já que a preocupação se limita em colocar um computador conectado à internet na frente do sujeito, ao invés de também capacitá-lo para utilizar a máquina. E muitos aspectos desse desvirtuamento já se tornaram parte do cotidiano dos indivíduos, em especial nos processos que possibilitam a defesa dos seus próprios interesses e naqueles que proporcionam entretenimento, tais como criar diários escritos e imagéticos virtuais – os *blogs* e os *fotologs* são mania de crianças, jovens, adultos e idosos –, estudar formas meticulosas de invadir sites e obter senhas bancárias, assistir a pornografia, participar de jogos de

azar *on-line* e utilizar comunidades¹ em sites como o do *Orkut* para disseminar ideologias como a do neonazismo.

A internet é um ambiente que deixa visível os valores pós-modernos da sociedade, haja vista que proporciona uma via de mão dupla entre quem produz e recebe informação, podendo ser alimentada por quem quer que seja, sem edição ou monitoramento do material. Entretanto, uma ferramenta que deveria diminuir as distâncias, acelerar processos e humanizar as relações no intuito de fazer sobrar tempo para aproveitar de maneira qualitativa as horas vagas, legitimou mais ainda a velocidade, estimulou a supersaturação do fluxo de informações e, principalmente, potencializou a segregação social no Brasil, já que o acesso à rede só é possível a quem tem dinheiro suficiente para comprar os aparatos tecnológicos necessários e para manter o bom funcionamento do sistema.

Além disso, a rede poderia se tornar uma alavanca de mudanças, um instrumento de a sociedade exigir seus direitos, reclamar e se mobilizar e no entanto, os usuários não têm mostrado resultados de um comportamento preocupado com a democracia, com o social ou com a conscientização. Seu potencial é extraordinário mas subutilizado, voltado para as pequenezas, o exibicionismo, os novos crimes virtuais, a violência e o consumismo. As distrações, todavia, são os principais conteúdos da rede. Há montanhas de salas de bate-papos, resultados esportivos, videogames, piadas, sites comerciais e inutilidades inimagináveis. Os profissionais que têm acesso à internet no ambiente de trabalho têm sido cada vez mais flagrados se deslocando para uma realidade não profissional pela rede – daí a vigilância ou uma suposta

¹ Disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=137032>, acessado em 22/04/2005.

ameaça de vigilância. Programas de vigilância podem contar palavras obscenas, imagens indecentes e segredos comerciais.

Muitas são as incertezas quanto ao uso da rede. A *Microsoft*, por exemplo, apesar de incentivar seus programadores a criarem *blogs* – uma estratégia de marketing – já demitiu um funcionário por publicar uma foto de uma das salas de escritório da empresa em seu diário. Em março deste ano, a fabricante de *iPods* processou três *blogs* por publicar detalhes sobre produtos que ainda não haviam sido lançados. Mais grave é a nova diversão dos jovens do Reino Unido, que já é vista como crime pela polícia britânica. Trata-se do *happy slapping* (estapeamento divertido, em português), isto é, enquanto dois jovens desferem tapas em desconhecidos, escolhidos aleatoriamente na rua, um terceiro registra a reação da vítima com um telefone celular acoplado de filmadora. O vídeo é compartilhado posteriormente na internet para então ser alvo de chacota mundial. Os ataques estão se tornando cada vez mais violentos, sendo que a agressão estende-se a pontapés e até roubos.

A internet inaugurou um modo de vida em que tudo brilha, se movimenta e faz barulho. A onipresença das mídias é inquestionável, inclusive com um turbilhão de imagens, personagens, cores, formatos, histórias, efeitos sonoros, anúncios, desenhos animados e logotipos congestionando a mente humana. O fluxo de informações é tão rotineiro que passou a ser considerado por muitos como natural, tão fluido que dá impressão de ineditismo, o que só consolida a visão de muitos especialistas quanto à pós-modernidade como caótica – uma espécie de massacre dos valores qualitativos, em especial os da coletividade. O próprio jornalismo e o processo de divulgação das informações mudaram com o imediatismo oferecido pela rede. Os jornalistas que trabalham com notícias em tempo real vivem em estado de uma espécie de frenesi

bipolar, já que ao mesmo tempo em que precisam obter com precisão a informação e cumprir seu papel social de conscientização dos leitores, sofrem com a pressão de fazer isso no menor tempo possível, não só por causa da demanda mas também por causa da concorrência, o que certamente compromete a qualidade do serviço e inibe a capacidade pensante do repórter.

O escritor George Orwell (1903-1950), em sua luta contra o nazi-facismo, publicou o livro *1984* que até virou filme, cuja história se passa no mesmo ano, o futuro, na época. Foi neste livro que Orwell pela primeira vez sugeriu a expressão *Big Brother*, direcionada ao ditador que a todos observa em um mundo alienado por uma ideologia política de dominação. Vale a pena transcrever aqui um trecho como uma maneira de instigar a discussão. Fica aos leitores a responsabilidade de julgar a postura de Orwell como realista ou desiludida, em um ano futuro que, para nós, já é passado.

O mundo de hoje é um planeta nu, faminto e dilapidado, em comparação com o que existia antes de 1914, e ainda mais se comparado com o futuro imaginário aguardado pelos seus habitantes daquela era. No começo do século vinte, a visão de uma sociedade futura incrivelmente rica, repousada, ordeira e eficiente – um refulgente mundo antissético de vidro, aço e concreto branco de neve – fazia parte da consciência de quase toda pessoa alfabetizada. A ciência e a tecnologia se desenvolviam num ritmo prodigioso, e parecia natural imaginar que continuassem se desenvolvendo. (...) No seu conjunto, o mundo é hoje mais primitivo do que era cinquenta anos atrás. (...) Não obstante, persistem os perigos inerentes à máquina. Desde o momento em que a máquina surgiu, tornou-se claro a todos que sabiam raciocinar que desaparecera em grande parte a necessidade do trabalho braçal do homem e, portanto, a da desigualdade humana. Se a máquina fosse deliberadamente utilizada com esse propósito, a fome, o excesso de trabalho, a sujeira, o analfabetismo e a doença poderiam ter sido eliminados em algumas gerações. (ORWELL, 1975, p.177, 178)

Muitos foram os escritores que visionaram uma sociedade caótica no futuro. Aldous Huxley (1894-1963), antes de Orwell, em 1932, publicou o livro *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 2000), cuja história é de uma sociedade em que os seres humanos são criados em laboratórios e classificados em categorias hierárquicas de acordo com as funções que desempenhariam segundo sua predestinação social. O romance entre dois indivíduos, um pertencente à casta alta e outro a uma reserva de selvagens (a reserva é uma alegoria para o mundo real) é pano de fundo para criticar o mundo sonhado pelos tecnocratas, ditadores e políticos em geral. É o frio mundo da organização laboratorial, o terror da ciência utilizada para o condicionamento bio-hipnótico do homem e das crianças, concebidas e gestadas em laboratórios, em linhas de produção artificiais, com um controle total sobre o desenvolvimento dos embriões pelos cientistas do Estado.

Mais tarde, em 1953, Ray Bradbury publica o livro *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 1995), que se tornou roteiro de filme por François Truffaut (1932-1984) e Jean Louis Richard, em 1966. Bradbury cria, em um futuro não muito distante, um governo totalitário que proíbe qualquer livro ou leitura, prevendo que a instrução possa gerar rebeliões contra o *status quo* existente. Tudo é controlado pelo governo e as pessoas só têm conhecimento dos fatos por enormes telas de televisão instaladas em suas casas ou ao ar livre. Com o surgimento do cinema, alguns diretores se interessaram em expor os valores da pós-modernidade, às vezes de maneira bastante surreal, como é o caso de Terry Gilliam, em seu filme *Brazil*, de 1985. O filme também se passa numa sociedade governada de maneira totalitária, controlada pelos computadores e pela burocracia (embora o título sugira que o cenário seja o brasileiro, ele na verdade tem esse nome por causa do calor quase insuportável do futuro).

Todos aqueles inseridos na suposta sociedade da informação do Brasil precisam lidar com a vulnerabilidade da rede. Quanto mais *softwares* são desenvolvidos novas pragas tecnológicas são disseminadas. Os programas de proteção contra vírus disputam o mercado dos *softwares*. Além disso, os *hackers*, a cada dia inovam na maneira de invadir sites, seja para fazer uma brincadeira, seja para cometer crimes. Em 2004, o prejuízo causado pelos vírus bateu um recorde histórico que supera mais de duas vezes o registrado no ano passado. A empresa de segurança britânica *mi2g* divulgou que o valor chegou a US\$ 204 bilhões de dólares. Considerando-se uma base de 600 milhões de computadores instalados ao redor do mundo, o custo para limpar cada micro infectado ficaria entre US\$ 281 e US\$ 340². As fraudes e os crimes cometidos virtualmente são más consequências de teor econômico e portanto que causam a revelia quanto à rede pelos usuários.

O Brasil tem 24 milhões de computadores em uso. Os números são de uma pesquisa divulgada em abril de 2005 pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. O estudo³ também prevê que, neste ano, as vendas nacionais devam superar em 10% os cinco milhões de computadores vendidos em 2004. Assim, vê-se um crescimento gradativo da aderência à internet, afinal é inegável que a rede possibilitou uma ampliação descomunal das informações, do tempo de divulgação desde quando acontecem e das diferentes maneiras que podem ser apresentadas. Diversos pontos de vistas podem ser explorados, com narrativas paralelas e possibilidades de interferência, continuidade e descontinuidade. Entretanto, tudo isso é feito em uma linguagem totalmente fragmentada pelos hiperlinks. A leitura não-linear e as constantes interferências, em adição ao vazio dos conteúdos,

² Disponível em http://www.issabrazil.org/noticias_0281.asp, acessado em 31/01/2005.

³ Disponível em www.assesprosc.org.br/modules.php?name=News&file=print&sid=41, acessado em 28/04/2005.

têm sido consideradas por especialistas uma das substanciais causas de distúrbio da atenção, especialmente em crianças.

A supersaturação em blocos pode causar dificuldade de concentração, desvio da atenção e hiperatividade. Adultos também estão inseridos nesse diagnóstico, embora o rótulo psiquiátrico mais recorrente seja o da depressão, isto é, uma forma de se negar a rapidez, um estado de espírito no qual o mundo parece ter parado. A ansiedade, no entanto, é uma espécie de mal pós-moderno. Em 1859, a romancista americana George Eliot (1819-1880) escreveu em seu romance *Adam Bede*:

Lá se foi o tempo livre – foi-se para onde foram as rocas de fiar, os burros de carga, as carroças lentas e os mascates, que traziam pechinchas à porta nas tardes de sol. Filósofos engenhosos talvez lhe digam que a grande obra da máquina a vapor é criar tempo livre para a humanidade. Não acredite neles: ela só cria um vácuo, para onde correm pensamentos ávidos. Até a ociosidade hoje é avidez – avidez de divertimento: propensa a excursões de trem, museus de arte, literatura periódica e romances excitantes. (ELIOT, 1980, p.63)

O comportamento pós-moderno mais preocupante é a gradual perda do hábito da leitura qualitativa, seja no papel, seja no computador – por mais que isso seja raro. A organização não linear dos textos virtuais modificou essencialmente a forma como o leitor se comporta diante de um texto. Na leitura *on-line* o leitor não respeita nem possui caminhos contínuos para acompanhar a história, ele se submete a cortes, intervém, modifica e reescreve, se quiser, o texto lido. A informação deixa muito a desejar quanto a requisitos como: conteúdo (qualidade, veracidade e consistência); processos de transmissão (lentos, limitados, incompatíveis); durabilidade (variável, perecível, em constante atualização); acesso (restrito, ausência de conhecimento necessário para manuseio dos programas, equipamento fora dos

padrões para funcionamento regular); saturação (pouco tempo de reflexão em razão do imediatismo); interação cultural (marcada por barreiras de idioma, o próprio meio é universalizado em uma única língua, o inglês). Assim, diante desses déficits, sobrepõe-se como tecnologia insuperável o livro. Mesmo que, ao longo dos anos, seus formatos se modifiquem, o encontro com a imaginação e o aprendizado que o livro proporciona ao leitor é insubstituível, sem mencionar a sua versatilidade, fácil transporte e custo baixíssimo, sem fios nem restrições. A defesa do livro é a defesa de uma sociedade educada, capaz de lutar por seus direitos, capaz de identificar os males do país e produzir soluções para tal. A defesa do hábito e incentivo à leitura é a defesa da mobilização civil quanto sujeito da democracia e não objeto.

Os que defendem a lentidão em prol da precisão, se não da inteligência, sentem-se chamados a denunciar a qualidade empobrecida da escrita e da leitura excessivamente apressadas. O poeta britânico Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), certa vez afirmou que a leitura facilitada iria causar uma aversão generalizada a “palavras de mais de duas sílabas” pelos homens, ao invés de estimular a leitura enriquecedora de fato. O mundo pressiona e a leitura tem de ser feita aos pedaços. E como podem os escritores modernos bem estabelecidos não sentirem ou criticarem o impulso da obsolescência conforme as frases ficam mais curtas, a leitura mais veloz, a competição visual mais intensa e em si mesma mais rápida? Como os jornalistas podem deixar de notar a aceleração dos jornais populares – o *Correio Braziliense* com seus fragmentos sem-vergonhas de entrevistas à moda de orelhas de livro; revistas da internet com suas frases diretas e sem ponto-e-vírgula? Pode todo este acúmulo e esta pressa ser bons para nós? Que velocidade pode ter a montagem sem deixar para trás a percepção? Em quantos sites podemos surfar mais ou menos ao mesmo tempo sem enlouquecer? Como detectar o conteúdo exato das questões num mundo eternamente fluido e em trânsito de mutações, num mundo onde ninguém

ou nada se define porque permanece, pela sua condição, avesso a definições? Talvez um dia, com toda essa rapidez, o cérebro humano chegue a um limite assintomático que jamais conseguirá atingir a velocidade das inovações. Ainda assim, a perplexidade e o pavor não desaparecem.

2 – METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Seria útil que o público fosse mais particularmente informado”

Descartes

“Para considerar-se plenamente cidadão, o homem contemporâneo precisa dispor de fontes informativas que lhes permitam conhecer o que se passa e, em seguida, formar juízos sobre os acontecimentos”

Juan Beneyto

Em primeiro lugar, foi preciso definir em que tipo de documento será materializada a pesquisa. O ensaio sobressaiu-se como o melhor instrumento para a intenção de expor uma postura mais crítica, referendada primeiramente pela observação pragmática da própria sociedade e posteriormente argumentada por pesquisa bibliográfica. Assim, me concedi o privilégio de explicitar minhas considerações por meio desse documento, não menos importante cientificamente: o ensaio. A escolha dessa metodologia visa alcançar eficientemente a proposta de analisar de forma contextualizada eventuais efeitos nocivos que a internet, como espelho dos valores pós-modernos, pode vir a proporcionar à sociedade, e atribuir ao livro a posição de antídoto para esses supostos prejuízos. Apesar de serem exigidos grande informação cultural e maturidade intelectual para analisar criticamente um instrumento tão novo como é a rede mundial, o ensaio não dispensará pesquisa científica e rigor lógico. O ensaio, segundo João Bosco Medeiros,

é uma exposição metodológica dos assuntos realizados e das conclusões originais a que se chegou após apurado o exame de um assunto. O ensaio é problematizador, antidogmático e nele deve se sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade. (MEDEIROS, 2000, p. 40)

A monografia se consistirá na elaboração de um estudo analítico e interpretativo de fatos sociais como consequência da apreensão dos conteúdos de um veículo de

comunicação específico, se referindo a todo o momento ao homem, suas relações sociais e seu comportamento. Este tipo de análise, busca um significado mais amplo às questões propostas na introdução, vinculando-as a outros conhecimentos e expondo o verdadeiro significado de estar exposto a todo tempo às conexões tecnológicas. A análise interpretativa por si só é eminentemente teórica, escrita em terceira pessoa, um tanto quanto especulativa – pois automaticamente culmina em conclusões – e se afirmará pela fundamentação que irá trazer: o relacionamento lógico dos fatos, aparado pela análise qualitativa da pesquisa bibliográfica. Medeiros conceitua pesquisa bibliográfica como aquela que

se constitui num procedimento formal para a aquisição de conhecimento sobre a realidade. Exige pensamento reflexivo e tratamento científico. Não se resume na busca da verdade; aprofunda-se na procura de resposta para todos os porquês envolvidos na pesquisa. (Idem, 2000, p.187)

Faz-se necessária, portanto, a acumulação seletiva dos principais trabalhos já realizados sobre o assunto, que forneçam dados atuais e relevantes sobre o tema.

Após a escolha do tema, do formato da dissertação e do levantamento bibliográfico, as etapas a serem seguidas para a construção da monografia serão: leitura e produção de fichamentos da bibliografia selecionada, construção de um plano de idéias relacionando as realidades produzidas pela internet, busca por dados científicos que comprovem as teorias formuladas e, finalmente, o estabelecimento de uma tese. O texto será composto de três partes: introdução (apresentação dos objetivos, enfoques a serem dados ao assunto, delimitação do texto, metodologia e referenciais teóricos utilizados); desenvolvimento (apresentação dos fatos, argumentos, provas, exemplos e ilustrações. Será dividido em quatro capítulos. O primeiro ambientando a internet na sociedade brasileira, o segundo descrevendo a ferramenta em si, o

terceiro evidenciando os efeitos nocivos da rede e o último apontando o livro como solução para os problemas culturais e educacionais os quais a internet causa ou potencializa); e conclusão (sintetiza as idéias apresentadas em todo o texto).

Prevalece o modo contínuo e objetivo com que o texto será redigido, estimulando a leitura linear e o exercício crítico, em detrimento da fragmentação de conteúdos por tópicos, a falta de credibilidade inferida pela subjetividade e, conseqüentemente, da incapacidade de correlacionar os sentidos expressos às práticas sociais.

Para a pesquisa bibliográfica serão consultadas fontes primárias (entrevistas, dados históricos, estatísticas, pesquisa) e secundárias (informações publicadas em jornais, revistas, imprensa em geral e obras literárias). As fontes serão obtidas por meio de entrevistas, da localização em bibliotecas das bibliografias, por meio da própria internet, que oferece grande quantidade de informações estatísticas, em especial sobre seu próprio uso e pela análise e seleção dos cadernos de informática e matérias a cerca do assunto dos seguintes veículos impressos: jornais *A Folha de São Paulo* e *O Globo*; revistas *Super Interessante*, *Trip* e *Veja*.

A relevância humana, isto é, a utilidade acarretada para o homem do tratamento do problema escolhido, a relevância operativa, ou seja, a capacidade de produzir novos conhecimentos, e a relevância contemporânea, que se refere à novidade e à necessidade da época de tratar o problema no estágio atual da evolução científica foram determinantes na escolha do tema e continuarão a influenciar todo o processo da pesquisa. A reflexão quanto ao problema estudado estará intrinsecamente relacionada a uma visão mais humanista, justamente porque engloba o comportamento, o pensamento e os processos comunicativos do ser humano perante

seus semelhantes na pós-modernidade. A filosofia e a sociologia também serão bases para o estudo e a formulação das teorias. De acordo com Mirian Goldenberg,

a sociologia compreensiva (...) considera necessário, para estudar os fenômenos sociais, um procedimento metodológico diferente daquele utilizado nas ciências físicas e matemáticas. (...) Para Max Weber (1864-1920), o principal interesse da ciência social é o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos. (...) Nesta perspectiva, que se opõe à visão positivista de objetividade e de separação radical entre sujeito e objeto da pesquisa, é natural que cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam. Estes cientistas buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado. (GOLDENBERG, 2003, p.19)

Com a abordagem qualitativa pretende-se não fixar leis, mas a compreensão aprofundada de certos comportamentos sociais apoiados no pressuposto mais relevante do aspecto subjetivo da ação social. Os dados estatísticos, portanto, serão considerados de acordo com a sua representatividade e capacidade de possibilitar a ligação com os estudos elaborados. Predominará uma descrição densa das diversas camadas e contextos os quais o entendimento está relacionado, ao invés de sua expressividade numérica. A qualidade e intensidade sobrepõem-se então à quantidade. A análise dos conteúdos, dos discursos e das ferramentas da internet promoverá a verificação de como as mensagens são interpretadas e apreendidas pelos usuários – explicitamente ou de maneira oculta, latente. Ressalta-se portanto a importância de interpretar os sentidos produzidos pelos processos relativos ou externos à rede, aprofundando a compreensão de como se edifica a linguagem, a leitura, o raciocínio e, por fim, a comunicação.

Conseqüentemente, tem-se como base teórica para realização do presente estudo, mesmo que atrelada a outras teorias, a teoria crítica da comunicação. A essência da teoria crítica, segundo Mauro Wolf,

configura-se, por um lado, como construção analítica dos fenômenos que investiga e, por outro, e simultaneamente, como capacidade para atribuir esses fenômenos às forças sociais que os provocam. (WOLF, 2002, p. 82)

A perspectiva crítica está relacionada à denúncia da manutenção de uma ideologia dominante, instituída pelo sistema da indústria cultural, das massas por meio de um meio de comunicação, no caso da internet. Haverá na monografia, como prega a teoria crítica, uma confrontação quanto à realidade atual, em que o monopólio e as instituições sobrepõem-se aos indivíduos, condicionando-os a valores consumistas e estéticos, de forma a adaptar as considerações ao controle social exercido pela rede. O fato de os processos sociais deixarem de ser resultado da autonomia dos sujeitos, que, com o tempo, imergem, alienados, nos valores ideológicos pós-modernos e passam a segui-los e reproduzi-los irreflexivamente será o principal alvo das argumentações. O filósofo Theodor Adorno (1903-1969), da Escola de Frankfurt, em 1947 afirmou sobre o filme sonoro:

São feitos de tal modo que a sua adequada apreensão exige não só prontidão de instinto, dotes de observação e competência específica como também são feitos para impedir a atividade mental do espectador, se este não quiser perder os fatos que lhe passam rapidamente pela frente. (WOLF, 2002, p. 88)

Da mesma forma acontece com a internet. A supersaturação de imagens, sons e textos da rede provoca nos indivíduos muitas sensações ao mesmo tempo, dificultando a racionalização contínua e estimulando a confusão fragmentária dos pensamentos. O estudo tem

como ponto de partida a verificação empírica dos efeitos causados por essa exposição tecnológica excessiva dos indivíduos e como o pensamento e os comportamentos, de maneira geral, estão convergindo para uma visão demasiada reduzida, haja vista o potencial humano.

O livro intitulado *Regras para o parque humano*, do filósofo alemão Peter Sloterdijk, em muito influenciará esta monografia, haja vista que seu ponto de partida para discorrer sobre “a crise do humanismo”, que, aparentemente, não surtiu o efeito desejado nos seres humanos, é o fim do hábito da leitura e a individualidade exacerbada. O livro é interpretado como uma carta remetida a um destinatário distante, e capaz de propagar a seu redor círculos de amizade. São cartas dirigidas a leitores ainda não conhecidos que estabelecem uma forma de sociabilidade humana: a forma da sociedade literária, da sociedade dos que se reúne para ler, para dar testemunho do amor à leitura. Essa teria sido a origem do processo de humanização do ser humano na Antigüidade, entendido, à maneira da *humanitas* de Cícero (106-43 aC), como uma oposição à selvageria e brutalidade representadas pelos espetáculos no anfiteatro romano. Estas duas mídias, a do anfiteatro e a do livro, coexistiram na Antigüidade romana, assim como as tecnologias coexistem hoje. A tarefa do humanismo de Sloterdijk é tomar partido nesse conflito, guiando o processo de “desembrutecimento” do ser humano. Uma das passagens mais representativas da idéia geral do livro é a seguinte:

O que ainda domestica o homem se o humanismo naufragou como escola da domesticação humana? O que domestica o homem se seus esforços prévios de autodomesticação só conduziram, no fundo, à sua tomada de poder sobre todos os seres? O que domestica o homem se todas as experiências prévias com a educação do gênero humano permaneceu obscuro quem ou o quê educa os educadores, e para quê? Ou será que a pergunta pelo cuidado e formação do ser

humano não se deixa mais formular de modo pertinente no campo das meras teorias da domesticação e educação? (SLOTTERDIJK, 1999, p. 32)

Os conceitos filosóficos discutidos no livro de Sloterdijk estarão melhor articulados no último capítulo da monografia (*Livro, tecnologia cultural insuperável*), já que em vários momentos discute a gradativa fragilidade antropológica da modernidade, a mutação dos processos informacionais, as carências emocionais e espirituais do ser humano e, principalmente, o fim da leitura qualitativa e formadora por uma onda desinibidora fomentada pelas mídias.

Embora as tecnologias tenham transformado o modo de fazer jornalismo e ter influenciado substancialmente a sua essência, já que muitas vezes as regras do ofício são redefinidas ou simplesmente passadas por cima, sua ideologia, voltada inexoravelmente para um compromisso perante a sociedade de informá-la e apontar as desestruturações que fomentam situações de injustiça social, no entanto, mantêm-se as mesmas para aqueles realmente empenhados em construir uma real democracia. Bill Kovach e Tom Rosenstiel afirmam que “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (KOVACH, 2003, p. 31). Para tanto, é preciso ter consciência de que muito do jornalismo que assistimos, ouvimos e lemos não é aquele que atinge esse fim, e sim a manutenção de uma ideologia sustentada por um jogo de interesses econômicos, políticos ou pessoais – muitas vezes do próprio governo –, totalmente desprovido da obrigação moral para com o público, inerente da profissão. Assim, há muito tempo que não se vê mais o jornalismo engajado, que, de fato, leva a sociedade à reflexão.

Em contraposição a esse exercício equivocado da profissão, pretendo demonstrar por meio deste trabalho que o conteúdo a ser analisado, as informações a serem

recolhidas e a narrativa e metodologia escolhidas, refletem uma busca legítima de fornecer ao público um melhor entendimento da questão das tecnologias e da internet, instigando a emissão de opiniões acerca do assunto e posicionamento do senso crítico. A sociedade, antes de qualquer coisa, precisa estar apta para não só saber a informação, mas compreendê-la, interpretá-la e contextualizá-la.

3 – CAPÍTULO 1

A INTERNET COMO POTENCIALIZADORA DA SEGREGAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

“A internet é de fato uma tecnologia da liberdade – mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor”.
Manuel Castells

Há pouco mais de dez anos a internet chegou ao grande público no Brasil. Em tão curto tempo, revolucionou a maneira de obter informações, de comunicar-se, de estudar, de comprar, de distrair-se, de organizar-se e de trabalhar de uma significativa parcela dos brasileiros. Nada mais é como antes. A sociedade adaptou todas essas transformações muito rapidamente ao cotidiano. Vive-se uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades inimagináveis, assumindo valores sociais, políticos, culturais e econômicos fundamentais. A internet, com a digitalização dos conteúdos e os avanços tecnológicos da computação, foi responsável por uma vertiginosa convergência dos veículos de comunicação. Hoje, pode-se assistir televisão, ver fotografias, ouvir rádios, ler livros e jornais e até conversar ao vivo com pessoas de qualquer parte do mundo pela rede.

No entanto, ao invés de atingir todo o seu potencial de integração e promover o amplo acesso à informação por todas as classes sociais de maneira igualitária, aproximando o Brasil de uma verdadeira democracia, a internet manteve e acentuou o paradigma da concentração de informação apenas à parcela rica da sociedade. O conhecimento é um legado que pertence a toda humanidade, portanto, é um bem comum que deve estar acessível a todos sob condições justas e não apenas àqueles que podem pagar por ele. Assim, não se pode dizer que o Brasil é, de fato, uma Sociedade da Informação homogênea. Na prática, essa Sociedade encerra

em si um paradoxo: enquanto valoriza o fator humano no processo produtivo, ao transformar o conhecimento e a informação em capital, simultaneamente, desqualifica aqueles que nunca sentaram a frente de um computador, dando origem a uma nova classe de excluídos, os infoexcluídos. Segundo números do *Ibope Mídia*, o Brasil é o país latino-americano com a maior diferença de acesso à internet entre ricos e pobres⁴. Comparando oito países, o Brasil ficou em segundo lugar entre os que têm uma parcela maior entre os 10% mais ricos que usam a rede mundial, com 82% de acesso, depois do Peru (85%). Quanto à camada mais pobre, os brasileiros ficam em último lugar, com 10% de acesso, empatados com o México. Ao todo, há 10,6 milhões de usuários brasileiros.

O início da implantação da internet no Brasil, embora tenha sido propulsor de uma interação entre universidade, indústria, sociedade civil e economia, foi difícil em razão da falta de capacitação do mercado e, mesmo nas empresas de rede, não havia profissionais nem com formação, nem em quantidade suficiente, para fazer decolar uma rede brasileira. Seu uso era inicialmente restrito apenas a algumas universidades e centros de pesquisa, concentrados principalmente nas capitais dos estados. A capilaridade era pequena, como era também sua capacidade. Empecilhos como resistência às mudanças e excesso de regulação atrasaram a disseminação da rede no Brasil. Havia, na época, além do monopólio estatal no setor das telecomunicações – exercido por empresas do grupo *Telebrás* –, a exigência da Secretaria de Política de Informática do Ministério de Ciência e Tecnologia para a adoção do OSI (*open system interconnection*), um padrão para a comunicação de dados em redes de computadores. As dificuldades fizeram com que as normas OSI deixassem de serem seguidas, sendo substituídas

⁴ Disponível em www.abert.org.br/D_mostra_clipping.cfm?noticia=22006, acessado em 16/04/2005.

por aquelas desenvolvidas de maneira alternativa – o nem tão famoso na época protocolo *IP* – pelos próprios pragmáticos da internet.

Em 1992, contrariando o governo federal, técnicos do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas ofereceram o serviço de envio e recebimento de mensagens da rede *Alternex*, desenvolvida por eles mesmos, durante o evento *Eco 92*, realizado no Rio de Janeiro. Esse foi o marco da implantação da internet com conexão permanente no Brasil. O Comitê Gestor, responsável por acompanhar e facilitar o desenvolvimento da rede no país, foi criado três anos depois, quando da abertura de vendas de conexões pela Embratel para as redes locais. Aos poucos, a iniciativa privada foi abocanhando o mercado e hoje é responsável pelos patamares tecnológicos das redes disponíveis para um uso supostamente generalizado da internet pela população. José Roberto Boisson, responsável pela oficialização do projeto Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), em 1989, na condição de diretor do *CNPq*, destacou no site da RNP o caráter de pioneirismo que marcou o surgimento da Internet no Brasil: “Vimos o desenvolvimento de uma tecnologia por uma comunidade, e não por uma empresa ou um grupo”. Quanto às críticas a internet, Boisson não escondeu o descontentamento ao revelar que tem dificuldades para gerenciar seu tempo em razão da inundação de informações que a rede promove⁵.

Ciente de que, apesar do seu sucesso do ponto de vista técnico, a internet brasileira foi um fracasso quanto à possibilidade de ter se tornado um mecanismo de diminuição de diferenças em termos de oportunidades para diferentes grupos de poder e renda na sociedade, o governo, por meio do Ministério de Ciência e Tecnologia, na tentativa de colocar o país em

⁵ Disponível em www.rnp.br/noticias/2002/not-020607e.html, acessado em 23/03/05.

condições de operar a rede com todos os requisitos técnicos já existentes nos países mais avançados, tanto no que diz respeito à velocidade de transmissão de dados, quanto a novos serviços e aplicações, iniciou, em 2001, o Programa Sociedade da Informação no Brasil.

O programa está estruturado em sete linhas de ações: mercado, trabalho e oportunidades; universalização de serviços para a cidadania; educação na sociedade da informação; conteúdos e identidade cultural; governo ao alcance de todos; pesquisa e desenvolvimento de tecnologias-chave e aplicações; e por último a infra-estrutura avançada de novos serviços. A intenção é transformar o Brasil em uma verdadeira Sociedade da Informação, com um espaço social, cultural, econômico e político de igualdade de oportunidades de acesso aos recursos de informação, em que, com as tecnologias digitais, haja um estado de inclusão digital generalizada – onde todos os cidadãos e cidadãs tenham acesso em igualdade de condições às redes de informação e saibam como utilizar seus instrumentos.

Em dezembro 2003, foi realizada em Genebra, a Cúpula Mundial das Nações Unidas sobre a Sociedade da Informação no intuito de ampliar internacionalmente a discussão de vários aspectos da democratização da informação. Os tópicos discutidos no evento pelas diversas organizações presentes, inclusive da sociedade civil, foram: sociedade do conhecimento; direitos e governo; infra-estrutura e ferramentas; cooperação e investimentos; e desenvolvimento e emprego, além de uma miríade de subtópicos. Como se vê, os temas foram extremamente genéricos, dando margem a todo tipo de proposta e dificultando o aprofundamento dos mesmos. Enquanto algumas organizações civis esperavam para discutir exclusão digital, por exemplo, a Cúpula se continha em falar de censura na rede, o que não é um tema de preocupação imediata no

Brasil. Há um consenso internacional de que o Brasil (ou ao menos o governo federal brasileiro) está mais avançado em *e-governo* do que a maioria dos países desenvolvidos.

No entanto, menos de 10% da população têm acesso à rede e, portanto, a estes serviços, em menos de 10% dos quase seis mil municípios do país. O combate à exclusão digital só é possível se a tarefa for encarada pelos governos como uma política pública, assim como é a exclusão social. Uma pessoa residente em Brasília, por exemplo, gasta em torno de R\$ 15,00 por mês para se conectar a internet. Para ter um computador em casa, esta mesma pessoa terá que dispor de no mínimo R\$ 1200,00. Para ter acesso à internet rápida, a chamada banda larga, será necessário investir mais aproximadamente R\$ 90,00 mensais. Esses valores indicam claramente que a nova “era da informação” está distante da grande maioria da população.

A declaração final da Cúpula⁶ apenas encobre o fracasso das propostas discutidas. Em primeiro lugar, o projeto de criar um “fundo solidário digital” não tomou forma, haja vista que os países ricos se negaram a comprometer-se financeiramente. E a criação de um “fundo para as mídias comunitárias”, sugerido pelas organizações da sociedade civil, principalmente pelo Grupo de Trabalho de Mídia Comunitária, coordenado pela Amarc (Associação Mundial de Rádios Comunitárias), totalmente ignorada. Outro grande tema de preocupação foi o controle que exercem sobre a internet muitos estados autoritários, entre eles os Estados Unidos, que a partir do dia 11 de setembro de 2001, sob o pretexto da luta contra o terrorismo, se intromete e mantém vigília da vida privada de cidadãos de todo o mundo e de suas atividades na internet.

⁶ Disponível em www.itu.int/wsis, acessado em 23/03/2005.

Tampouco neste terreno foram registrados avanços. Os estados não fizeram nenhuma concessão, escudando-se na cibersegurança. Por último, foi o debate sobre o modo de regulação e gestão da internet, que no momento está sob comando dos Estados Unidos. Esta é, sem dúvida, uma questão muito importante, que condiciona muitas decisões em todas as esferas da vida política e econômica dos estados, e que *Washington* aceita discutir, porém somente no âmbito do G8, o consórcio das oito potências que dirigem o mundo. Assim, o que antes era a defesa de uma gestão multilateral da internet, transparente e democrática, com a participação plena dos governos, do setor privado e da sociedade civil, tornou-se mais uma briga de interesse entre os Estados. Em novembro de 2005, Tunís será palco do segundo encontro da Cúpula. Se nada continuar sendo feito, a explosão das novas tecnologias cibernéticas desconectará definitivamente os habitantes dos países menos avançados.

Tal como está configurada a sociedade da informação brasileira, resultado do caos gerencial no qual está permanentemente imerso ou estiveram pelo menos até agora, os governos brasileiros e suas várias facetas desarticuladas, a tendência é o contínuo aumento exclusivo do acesso à internet pelo mercado corporativo e pelas camadas de renda mais alta da população. A desculpa de que no Brasil já existia um problema sócio-econômico não convém. O Peru, por exemplo, tem 51% da população com acesso à internet, mas só atingiu esse percentual porque o governo peruano estabeleceu a política de criação de telecentros domiciliares, em que uma casa em um bairro de baixa renda tem alguns computadores para acesso à internet. Enquanto isso, o governo brasileiro escolheu como um de seus programas principais o ambicioso *Casas Brasil*, de grandes centros que, além de computadores, dispõem de estúdio de rádio e vídeo e salas com palco para show ou teatro. O orçamento prevê R\$ 204 milhões para a criação de mil Casas Brasil, ou R\$ 204 mil por unidade, quando o custo de 10 computadores, suficientes para

um telecentro, é de somente R\$ 12 mil. Além disso, em relação à Argentina, o preço do microcomputador brasileiro mostrou-se 70% maior. Tomando por base de comparação o valor do computador sobre a renda média per capita, a situação brasileira é ainda pior. O preço do computador aqui equivale a 11,1% da renda, segundo dados de 2003 do Banco Mundial. Na Argentina, a 4,5%. Os números do *Ibope Mídia* mostram que somente 3% da classe D/E que consegue acessar a internet o faz em casa; 32% usam lugares públicos de acesso, como telecentros e cibercafés⁷.

A maioria das iniciativas de universalização da internet no Brasil fracassou em razão de dificuldades que variam desde a falta de pacotes de tecnologia configuráveis em centros comunitários, quiosques em locais públicos, com ou sem conexão à internet; até a falta de apoio técnico e manuais de instrução para uso de programas e aplicativos, bem como uso correto da busca de informações na rede. Apesar de tudo, não é impossível concretizar essa universalização. Uma das provas é o Comitê para a Democratização da Informática, que completou dez anos no mês de março e é uma ação totalmente voluntária. Da primeira escola, no Morro Dona Marta, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, até a instalação de unidades no Japão e em países africanos, muito foi feito. Hoje são quase mil Escolas de Informática e Cidadania (EICs) espalhadas por 20 estados brasileiros e outros dez países da América Latina, África e Ásia. Elas são freqüentadas por milhares de alunos, que, em quase seis mil computadores, aprendem a navegar na internet e utilizar *softwares*, com o apoio de 1.900 educadores⁸. Em todas as EICs, é aplicada a metodologia pedagógica de Paulo Freire, educador que acreditava na possibilidade de alfabetizar uma pessoa a partir da reflexão sobre sua própria realidade. No caso da informática, as tecnologias também estão inseridas nesse processo. Infelizmente, o Comitê, embora seja um exemplo para as

⁷ Disponível em www.abert.org.br/D_mostra_clipping.cfm?noticia=22006, acessado em 16/04/2005.

⁸ Disponível em www.cdi.org.br, acessado em 26/04/2005.

iniciativas que buscam a democratização da internet, é só um grão de areia na praia. As políticas públicas, que deveriam ser os principais pontos de apoio dessa democratização mais atrapalham que ajudam. O problema da exclusão digital só vai ser resolvido e as transformações consolidadas quando houver uma articulação eficiente da sociedade civil organizada com o setor privado – que já contribuem com seu grãozinho – e o setor governamental.

Uma recente pesquisa realizada pelas Nações Unidas sobre governo eletrônico - *UN Global E-government Survey 2004* –, mostra que o Brasil, embora tenha tido um retrocesso considerável em 2003, conseguiu manter seu posicionamento no *ranking* dos países inseridos no Programa de Governo Eletrônico, em 2004. O otimismo que se mostrava na mídia e na literatura nacional quanto ao governo eletrônico brasileiro não é condizente com os resultados da pesquisa, que contou com a avaliação da política em 178 países que possuem presença governamental na rede. Tal fato talvez seja explicado pelos picos de sucesso, isto é, compras eletrônicas e imposto de renda pela internet, por exemplo, que colocaram o Brasil em posições privilegiadas nos anos anteriores, mas que não estão sendo capazes de manter o país bem posicionado atualmente. O Chile, na pesquisa de 2003, apareceu com relação ao índice de prontidão para o governo eletrônico em 22º lugar no ranking mundial e como 1º colocado nas Américas do Sul e Central, superando o Brasil, que constava nesse novo ranking como 41º e 4º colocado, respectivamente. Na pesquisa de 2004⁹, o Chile permanece na mesma posição e o Brasil em 35º lugar mundial e ainda em 4º na América do Sul e Central.

A possibilidade de ampliar o espectro da representação no espaço democrático e ampliar o controle público sobre essa mesma representação é a contribuição que redes como a

⁹ Disponível em <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/un/unpan019207.pdf>, acessado em 24/05/2005.

internet tem de melhor, mas talvez não seja interesse dos governantes concretizar isso, muito menos da classe detentora da informação. A interferência da população nas decisões nacionais só atrapalha quando o compromisso real do governo não é o desenvolvimento do país. Assim, se perdem oportunidades incríveis oferecidas pela internet, em especial como instrumento de educação e desenvolvimento nacional. Segundo o professor de engenharia de *software* e sistemas de informação do Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Silvio Meira, o Brasil tem um mercado interno de produção de *softwares* de quatro bilhões de dólares. “Há um número muito grande de companhias, calculadas em torno de 3500 pela Secretaria de Política de Informática, que só fazem *software*”, revela. Meira conta ainda que desses quatro bilhões, um bilhão é importado por canais de distribuição ou diretamente pelo usuário final. Existem previsões de que até o fim desta década essa importação se eleve para cinco bilhões de dólares. Assim, vê-se um mercado potencialmente exportador, porque é extremamente competente do ponto de vista do desenvolvimento de soluções completas, mas que pode acabar importando uma conta de *software* do tamanho da conta de petróleo que importa hoje. Se isso ocorrer, a sociedade terá de enfrentar problemas preocupantes também do ponto de vista da balança comercial. Meira critica:

O Estado, que é um grande comprador de *software*, não deveria importar sem antes saber se já não existe no mercado nacional o produto que se quer. O mercado nacional é extremamente importante para criarmos competência internacional. No entanto, temos exemplos e mais exemplos em que os governos federal e estadual dão preferência clara a soluções que vêm de fora ao invés de tentar promover plataformas nacionais.¹⁰

¹⁰ Disponível em www.comciencia.br/entrevistas/internet/meira.htm, acessado em 16/04/2005.

A única chance do Brasil não piorar mais ainda os efeitos de uma sociedade da informação incompleta é aumentando a qualificação dos brasileiros. Nenhum país consegue ser grande sem ter sua construção baseada num extenso sistema de educação e de criação de oportunidades. No Brasil, vale a pena notar que, apesar dos grandes problemas resolvidos nos últimos anos, os sistemas educacionais e de criação de oportunidades são extremamente desiguais. Em 1999, o Censo Aprende Brasil, do Ministério da Educação, divulgou uma pesquisa¹¹ apontando que apenas 3,2% das escolas públicas de ensino fundamental estão conectadas à internet, e apenas 10% das de ensino médio. De acordo com o próprio *Livro Verde*, produzido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia

uma política de desenvolvimento da sociedade tecnológica eficaz requer além de base tecnológica e infra-estrutura adequada, um conjunto de condições e de inovações nas estruturas produtivas e organizacionais, no sistema educacional e nas instâncias reguladoras, normativas e de governo em geral. (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2000, p. 5)

E ainda

para estar apto a acompanhar a rapidez do desenvolvimento da base técnico-produtiva mundial, o País deve manter uma política consistente de investimento em recursos humanos, de modernização da infra-estrutura científico-tecnológica de apoio à integração universidade-empresa e de ativa cooperação internacional. (Idem, 2000, p.9)

Infelizmente esta não é a realidade atual. A verdade é que uma grande parte da população, não só brasileira como mundial, não tem acesso às novas tecnologias, nem mesmo são capazes de incorporar as novas formas de organização social introduzidas pela revolução digital.

¹¹ Disponível em www.aprendebrasil.com.br, acessado em 24/04/2005.

Os jovens têm facilidade especial de se inserir na nova sociedade em formação e absorver e utilizar de forma produtiva as tecnologias de informação e comunicação existentes e emergentes. Para que essa geração esteja bem preparada para o mercado de trabalho é preciso que sejam estendidas oportunidades de acesso e uso adequado dos conteúdos para a participação social. Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Pouquíssimas são as iniciativas para implantação, por exemplo, de cursos à distância em áreas remotas, onde nem escolas existem.

Com a terceira idade, a sociedade das inovações por segundo é mais negligente ainda. Milhares de idosos por todo Brasil estão abandonados em instituições, muitas vezes sofrendo preconceitos e maus tratos porque não acompanharam os novos padrões pós-modernos. Os brasileiros não valorizam os mais velhos porque, hoje, não interessa a sabedoria antiga ou os conhecimentos centenários. O importante é a novidade. Assim, a maioria da população acima dos 65 anos acaba se tornando indigente. No entanto, há focos de inclusão digital da terceira idade no Brasil, mesmo que direcionada apenas a uma parte desses excluídos sociais: os que ainda têm condições financeiras. Segundo o Ibope, embora ainda perca para as outras faixas etárias na porcentagem de acesso, o contingente de maiores de 65 anos acessa a rede quase o mesmo número de vezes por mês que os jovens de 18 anos. Seja para buscar informações, lotar salas de bate-papos ou publicar fotos da família.

Embora a informática não seja a panacéia para o problema do descaso com os idosos, ela pode contribuir muito como paliativo da vida solitária, haja vista a quantidade de ferramentas de convívio social contidas na rede, como salas de bate-papos, *Orkut* (inclusive já existem dezenas de comunidades voltadas para a “melhor idade”), *Fotologs*, *Mirc*, *ICQ*, *Aim*, *MSN Messenger*, além de todo o entretenimento disponível. Se bem utilizados os recursos oferecidos pela informática e pelos *softwares* muito podem mudar. A promessa é que em 2005, o *Ano da Inclusão Digital*, cursos de escolarização e capacitação profissional para idosos sejam oferecidos em telecentros instalados nas cidades, culminando em diversos benefícios, em especial numa possível mudança estrutural das famílias, que passariam a valorizar a terceira idade.

Ademais, a rede está repleta de informações médicas muito úteis àqueles que sofrem com o envelhecimento do sistema imunológico. Levando conhecimento aos idosos sobre diabetes, *alzheimer*, novos medicamentos, homeopatia, aposentadoria, voluntariado e outros pode-se reconstruir uma cidadania há muito esquecida. Paradoxalmente ou não, esse impulso no interesse da classe de pessoas da terceira idade pela informática deve-se à própria pós-modernidade. A tecnologia está tão impregnada no cotidiano de todos que seria impossível evitá-la. O caixa eletrônico, o telefone celular, alguns eletrodomésticos e outros utensílios de uso diário já estão recorrendo em seu funcionamento a mecanismos da microeletrônica.

Da internet pipoca a maior quantidade de informações já vista – algumas úteis, a maioria inútil. O cidadão usuário ao entrar em contato com os conteúdos da internet se torna agente determinante, livre para escolher e interagir, independentemente do espaço e do tempo, tornando-se em última instância produtor e intermediário. Mas o conteúdo da rede não oferece, em sua maioria, informações ricas e a oportunidade de aprendizado qualificado, fazendo

necessária a capacitação prévia e contínua do usuário para fazer a seleção do conhecimento e isso só se aprende com educação e senso crítico. O deslumbramento criado pelas tecnologias e a atração que elas exercem na sociedade levam a uma visão reducionista acerca do papel da educação na sociedade da informação, enfatizando a capacitação tecnológica em detrimento de aspectos mais relevantes.

A substituição dos livros educacionais pela internet é uma tendência que a sociedade juntamente com o governo deve reformular. Pressupõe-se que ter presença na internet significa ser educado para utilizar adequadamente suas ferramentas de modo a interferir na rede mundial, participar, emitir opiniões, expressar-se, manifestar seu saber e sua cultura. Novamente, vale citar o *Livro Verde*, cujas teorias não implicam em concretização, mas ao menos compreendem que

formar o cidadão não significa ‘preparar o consumidor’. Significa capacitar as pessoas para a tomada de decisões e para a escolha informada acerca de todos os aspectos na vida em sociedade que as afetam, o que exige acesso à informação e ao conhecimento e capacidade de processá-los judiciosamente, sem se deixar levar cegamente pelo poder econômico ou político. (Ibídem, 2000, p. 45)

A preservação da identidade cultural é ferramenta essencial na capacitação da população para assuntos não só culturais como científicos e tecnológicos. Em um primeiro momento deve-se consolidar o português como idioma privilegiado da sociedade de informação brasileira, até porque uma das maiores barreiras ao acesso à informação na internet decorre do fato da maioria dos sites serem construídos em língua estrangeira. Ademais, devem ser conservados todos os tipos de identidades regionalistas manifestadas de forma a ter maior diversidade e propor novos modos de vida, e novas visões de mundo para si e para a comunidade.

A maior parte dos conteúdos nacionais são produzidos nas grandes cidades e nas corporações localizadas no centro-sul do país, o que remete a necessidade de incentivar a digitalização da cultura de diversas regiões, bem como daqueles grupos que se identificam por áreas de interesse profissional, de negócios, de lazer, de *hobby* e até mesmo de caráter alternativo. Todavia, a produção de conteúdos esbarra em problemas como o alto custo da digitalização de acervos e as diferenças das técnicas que envolvem a preparação de bases de dados a partir de formatos diversos. A construção da sociedade da informação no Brasil depende também de que as instituições culturais públicas tenham plenas condições de uso das potencialidades das tecnologias relativas à produção, difusão e disponibilização de acesso de conteúdos veiculadores ou construtores da identidade cultural brasileira.

De acordo com o *Livro Verde*, as ações estruturadoras futuras para a consolidação de uma verdadeira sociedade da informação, tendo a internet como instrumento de real desenvolvimento nacional, de diminuição das diferenças regionais entre pessoas e grupos dos vários estratos de renda, conhecimento, educação e poder são: conectar todas as bibliotecas públicas do país através de um sistema gratuito que permita disponibilizar os conteúdos da própria biblioteca na rede, ter acesso a conteúdos de outras bibliotecas e navegar na internet; instituir um programa de digitalização de obras de valor histórico: patrocinar o inventário e a digitalização de obras literárias, manuscritos, gravuras e todo o material iconográfico sobre o Brasil nos diferentes períodos históricos, como meio de resgate da memória da formação nacional; promover a criação e organização de sites, páginas e portais de interesse comunitário, que sirvam de referência cultural sobre os estados, municípios, distritos, povoados e mesmo bairros periféricos, como forma de organização e ação cultural; instituir um programa de montagem e disponibilização de informações científicas e tecnológicas geradas no país em áreas

selecionadas; montar e operar um serviço no Brasil de acesso integrado e unificado a informações científicas e tecnológicas de serviços especializados no exterior; e promover iniciativas de combate a conteúdos impróprios na internet.

4 – CAPÍTULO 2

REALIDADES VIRTUAIS SUPERSATURADAS E A FRAGMENTAÇÃO ESQUIZOFRÊNICA

*“Não me faça pensar”
Primeira lei da navegabilidade na internet, criada por Steve Krug*

*“O senhor ache.
O senhor pense.
O senhor ponha enredo”.
Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas*

O processo de comunicação, como em todos os outros meios, mas, especialmente, na internet é constituído pelo relacionamento entre emissor e receptor. A rede pode ser alimentada por conteúdos de toda sorte, gratuitamente, por qualquer um. Espera-se portanto, que a participação efetiva dos usuários faça com que em muitas situações o emissor e o receptor troquem de papel, tornando-se parceiros no processo comunicacional. Por isso aquele que entra em contato com a internet é muito mais que um mero leitor. A própria interatividade que concede os periféricos do computador, como o teclado e o mouse, só é concretizada se houver uma efetiva interferência do usuário na comunicação fazendo escolhas. Para tanto, o site deve ter conteúdos consistentes, sem os quais não se justificaria a necessidade de abrir mais uma tela ou mais uma janela. Frequentemente, os sites oferecem cliques supérfluos demais até que se atinja o conteúdo desejado, o que torna a interatividade ineficiente. Para medir a interatividade deve-se não só considerar com que frequência há interação, mas quantas escolhas estão disponíveis e o quanto as escolhas afetam os conteúdos.

Pierre Lévy (professor da Universidade de Paris, França), e Dieter Daniels (professor da Universidade de Leipzig, Alemanha) afirmam que é a interatividade que garante os processos de comunicação na internet (LÉVY, 1999, p. 82).

A comunicação acontece quando deixa para trás a interação homem-máquina para se tornar, novamente, a interação interpessoal, cujas estruturas são modeladas pela supermáquina da internet com milhões de computadores e usuários conectados,¹²

afirma Daniels em seu artigo *Estratégias da Interatividade*. O alemão afirma ainda ser crescente a dificuldade de discernir se o que há é comunicação entre máquinas em vez de pessoas ou entre pessoas por meio das máquinas, o que configura a tecnologia como parte central da ideologia dos últimos tempos.

A interatividade na internet só é possível porque existe o hipertexto, isto é, um texto interligado, à distância de um clique no link – a própria interligação –, a outros textos. É um documento eletrônico - texto, gráfico, áudio, vídeo ou uma combinação desses quatro elementos – ligado a outros. O hipertexto trouxe para a internet uma comunicação altamente dinâmica ao facilitar a navegação não linear entre os textos e permitir o acesso a palavras procuradas – os sites de busca. Essa dinâmica só é positiva quando se tem conhecimento de todas as ferramentas. As pessoas que se aventuram pela primeira vez nos sites, em especial aqueles mais coloridos e cheios de links, acabam se perdendo, ou melhor, perdendo o fio da meada. Embora a internet tenha popularizado e intensificado a leitura não linear, esse *modus operandi* já era praticado há muito, de maneira mais emblemática, por escritores e cineastas. Em 1956, no início do concretismo brasileiro, os irmãos Haroldo (1929-2003) e Augusto de Campos e Décio Pignatari propuseram, pela primeira vez, uma forma de trabalhar a leitura misturando a visualização de imagens e a sonoridade das palavras. Antes ainda, obras literárias como *Don Quixote*, de Miguel de Cervantes (1547-1616), *O processo*, de Kafka (1883-1924) e *Finnegans Wake*, de James Joyce

¹² Disponível em www.medienkunstnetz.de/Starte.html, acessado em 24/04/2005.

(1882-1941) foram escritas com narrativa fragmentada. Ainda que não linear, as narrativas desses livros são contínuas, garantindo controle da leitura do autor sobre o leitor e impedindo que o entendimento não seja apreendido. William Burroughs (1914-1997) e Brion Gysin (196-1986) se destacaram quando em 1959 desenvolveram a técnica de *cut-up*, em que há uma colagem de textos, unindo e justapondo fragmentos de palavras e imagens.

A mescla de imagens, sons e textos teve início com a poesia concreta, mas foi o videoclipe, especialmente por ser audiovisual, o grande influente da produção especializada de sites, haja vista que em ambos o diretor deve trazer o maior número de informações, no menor tempo e com a maior clareza possível. Michel Chion (CHION, 1998, p. 156-172) defende em sua análise audiovisual de videoclipes que não é interessante para o diretor que o usuário lance incontrolláveis olhares e receba informações aleatoriamente por processos randômicos, mas sim como o usuário tira o seu próprio entendimento da obra. A preocupação de Chion é pertinente ao perceber que, na prática, é exatamente esse descontrole que se produz. Importante é estabelecer as devidas competências entre os conteúdos. Os hipertextos devem oferecer coesão, unicidade e compreensão da obra, mesmo estando fragmentados. A importância dessa mistura organizada, inclusive quando há o movimento, merece destaque nos estudos de Gaston Bachelard (BACHELARD, 1990, p.1-9) que afirma a imagem estática “cortar as asas da imaginação”. O sites que têm capacidade de movimentar os conteúdos além de trazer informação, fornecem subsídios para a imaginação do usuário até um limite muito tênue. Se em excesso, o movimento cansa, confunde e atrapalha.

Embora de importância primordial para que a internet não se configure apenas como um banco de dados, o link também não foi utilizado pela primeira vez em sistemas

computadorizados. O primeiro a antecipar o sistema de redes e a noção de blocos de texto associados de forma não hierárquica e não linear foi Vannevar Bush (1890-1974), em 1945, no seu artigo *As We May Think*¹³, cujo tema era a construção do *Memex*. O dispositivo mecânico de uso individual seria como uma escrivaninha, com um teclado e alavancas, com telas translúcidas nas quais os materiais eram projetados para leitura. O usuário poderia pesquisar os livros e os artigos já armazenados, deixar um artigo interessante, enlaçar temas semelhantes, inserir um comentário pessoal, ramificar para livros de ensino mais aprofundado e redigir uma página própria de análise. Segundo o professor e doutor em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Vicente Gosciola (GOSCIOLA, 2003, p.67), a idéia principal do *Memex* era gerar uma associação entre os dados de modo a superar e não repetir a manipulação de idéias inerente a todo resultado final de um processo analítico, por mais neutra que fosse a postura do pesquisador.

É como se o link fosse a argamassa dos conteúdos. É de acordo com o número de links e seu posicionamento no hipertexto que se prolonga ou não uma situação dramática da prosa, o desenvolvimento de um conteúdo, ou, na pior das hipóteses, a total separação do usuário daquilo que antes estava lendo. Como nos romances literários, em um site de internet, os conteúdos deveriam ser organizados por uma hierarquia vertical, como nos chamados níveis de complexidade. O site bem estruturado tem os links distribuídos de forma a levar o usuário quase que automaticamente para novos níveis de complexidade, mais profundos ou simples, de acordo com a sua vontade. As tecnologias, e portanto a internet, em razão de sua característica mais determinante: a instantaneidade, cada vez mais abriga sites com níveis de complexidade menos profundos, tornando a informação rápida, simples e superficial. Um aparato tecnológico que poderia oferecer informações da mais alta credibilidade, devido à simultaneidade de

¹³ Disponível em www.theatlantic.com/doc/prem/194507/bush, acessado em 12/04/2005.

comunicações raramente observada em outros meios de comunicação – numa mesma tela é possível ler textos escritos, ouvir sons, ver imagens estáticas ou em movimento –, no entanto, contribui para a obstrução do conhecimento ao serem predominantes a quantidade de dados diferentes em menor espaço de tempo em detrimento da qualidade da informação. Roland Barthes (1915-1980) afirmou que ler é um trabalho de linguagem e com o hipertexto não é diferente. A leitura deve permitir também no ciberespaço a identificação dos sentidos e a possibilidade de nomeá-los e renomeá-los.

Os sites bem-sucedidos dependem de um bom planejamento prévio que determinará o índice de receptividade, da primeira tela às sucessivas, propiciando ao usuário a segurança de que tem o controle de sua jornada. A idéia de ambientação é dada pela repetição de elementos de cenário ou de sonoridade nas telas que não devem se restringir ao seu próprio espaço. Devem, sim, dar indicações de que cada uma é a continuidade física, em representação, da outra, permitindo que se visualize a continuidade do ambiente a cada tela. Quanto melhor é a ambientação do site, isto é, quanto mais eficientes são as metáforas de simulação, mais atrativa é a estrutura de representação de conteúdos, maior a curiosidade do usuário e maior é a capacidade dele imergir numa espécie de realidade virtual, tornando o computador um meio e não mais uma ferramenta.

George Landow (LANDOW, 1997, p.151) diz que desenvolver um site implica em: orientar sobre a localização dos links e dos conteúdos; informar sobre a navegação para indicar os caminhos entre os conteúdos; informar sobre a localização da saída; e, por último, informar sobre a chegada ou entrada de um novo conteúdo. Esses são alguns pontos que servem de foco de concentração de esforços do desenvolvedor para tentar garantir uma boa exploração e

aproveitamento da obra. Mesmo sendo difícil prever o caminho que o usuário escolherá, definir quais conteúdos e em que momentos eles estarão se intercomunicando já são formas de prever.

A possibilidade de escolher o caminho narrativo, todavia, é de responsabilidade do leitor. O desenvolvedor do site realiza uma obra com diversas opções de condução narrativa ao usuário e este pode obter as mais variadas leituras de uma mesma obra, não necessariamente àquela de narrativa mais significativa. Para evitar a desorientação total, o profissional precisa ter conhecimento das dificuldades de acesso à rede no Brasil e se preocupar em construir algo simples e eficiente, permitindo ao usuário buscar ou se deixar levar para os destinos narrativos que o desenrolar dos conteúdos tem a oferecer, tomando consciência de outros sentidos e permitindo, de fato, que a obra o leve a um destino inesperado.

Uma breve exposição à internet e a verdade se configura: os conteúdos dos sites são visivelmente subdivididos aleatoriamente, não considerando a efemeridade nem a imprevisibilidade do usuário ao navegar pelos dados. É preciso estar atento ao fato de que quanto mais links maior é a possibilidade do usuário não tomar conhecimento de todos os conteúdos. Para um projeto que dimensione que a obra seja conhecida no seu todo, a estrutura de links tende a ser unidirecional e linear, o que, em contrapartida, limita a interatividade e reduz a capacidade da obra em atingir um público maior.

O desenvolvedor de sites deve ter uma formação bastante eclética, aplicável tanto para produções artísticas e de entretenimento quanto para produções não-ficcionais, abrangendo as linguagens de diversos meios, com mais intensidade e responsabilidade. Janet Murray (MURRAY, 1997, p.153) identifica o autor da narrativa eletrônica como um coreógrafo que estabelece o ritmo, o contexto e os passos da performance. Os *softwares* que possibilitam um

designer, um programador ou até mesmo uma equipe de desenvolvedores a montar ou a editar diferentes mídias no espaço e no tempo, agregando comportamentos interativos são usualmente chamados de sistemas de autoriação.

Enquanto a autoria em hipermídia (como alguns estudiosos chamam o meio e a linguagem em que se encontram as novas tecnologias digitais) está para o processo de geração de conteúdos – como textos, sons e imagens e as suas respectivas narrativas –, a autoriação em hipermídia está para o processo de edição desses conteúdos. (GOSCIOLA, 2003, p. 141)

Assim, se faz necessária uma vasta equipe de profissionais conceituados para a construção de uma hipermídia de qualidade e não mais apenas um indivíduo. Novamente chega-se na problemática inserida no uso desses recursos.

Os *softwares*, além de serem programas e ferramentas em que a língua predominante é o inglês, o seu alto custo dificulta muito o acesso àqueles que pretendem desenvolver um site. Embora pouco disseminado, o *software* livre poderia sanar o problema se, não demandasse, igualmente, por uma capacitação extremamente avançada para sua utilização. Assim, é visível que, na prática, tanto a estética quanto o conteúdo dos sites armazenados na rede não são efetivamente transformados em comunicação, dificultando a interatividade e o entendimento pelos usuários. Alguns estudiosos afirmam ainda que para desenhar um bom site a equipe deve se aprofundar no conhecimento sobre teoria da aprendizagem e psicologia do espectador, sobre o roteiro audiovisual, sobre design e sobre conceitos básicos de diagramação.

Todavia, é visível a ausência de qualificação dos desenvolvedores e daqueles que alimentam a rede de alguma forma. O resultado é o crescimento totalmente desestruturado da internet. A falta de preocupação dos desenvolvedores em seguir padrões na construção de sites

tornou a rede um samba do *html* doido. Tanto é que alguns programadores conscientes desse problema se uniram na tentativa de organizar a rede e retomar aos padrões *W3C*, o *World Wide Web Consortium*, entidade criada em 1994. Num trabalho de formiguinha, especialistas, professores, *web designers* e outros profissionais há anos buscam a uniformização da internet baseada na Lei da Acessibilidade, decretada em 2004, que impõe aos desenvolvedores programar os sites de modo que sejam acessíveis a quaisquer pessoas, inclusive deficientes físicos.

A heterogeneidade dos usuários que alimentam a rede também contribui para a construção de uma linguagem variada, em constante mutação. Sabe-se que embora muitas outras linguagens como a fotográfica, a sonora, a visual, a audiovisual e a cinematográfica estejam agregadas ao ciberespaço, o hipertexto nunca é descartado em razão de seu sistema de comunicação altamente eficiente nas sociedades modernas, em especial no novo ramo do jornalismo: o *on-line*, de características muito próprias. Essa convergência de segmentos resulta em uma nova forma de expressão através da capacidade de síntese das linguagens.

Os manuais de estilo para jornalismo eletrônico, no entanto, afirmam que o texto da internet descende diretamente da linguagem publicitária e portanto deve ser sedutor, com frases simples e parágrafos curtos. Nas faculdades de comunicação, os professores ensinam que a internet deve apenas dar a informação de maneira resumida, já mastigada e que os usuários devem procurar nos veículos de comunicação tradicionais pelo detalhamento não disponível na rede. Bruno Rodrigues, em seu artigo *Estilo, variações e relacionamento – como a linguagem se comporta na internet?* concluiu, depois de uma análise realizada em 2003, que a linguagem na internet concentra três estilos: o formal, rejeitado no início da rede pela ausência de empatia; o

informal, usado em sites pessoais como *blogs*; e o mais recomendado, o semi-formal, pois “é aquele que disponibiliza a informação de maneira clara, com um ‘toque’ de persuasão”¹⁴.

Assim, vê-se uma intenção permeada nos textos muito mais voltada para o convencimento do usuário, independente do teor dos conteúdos, do que para o despertar do senso crítico quanto à informação, sendo raros os sites que disponibilizam uma contextualização ou uma interpretação aprofundada da notícia publicada. Esse comportamento aumenta as lacunas da compreensão – o determinismo universal de Edgar Morin defende que o conhecimento complexo só é alcançado quando há reforço da ligação de cada informação e cada conhecimento ao seu contexto.

O processo de comunicação – ato social que recorre à linguagem como suporte ordenador de conteúdos para atender à necessidade humana de representação, troca de informações, de narrar fatos e contar histórias – sofreu uma expansão na chamada comunicação de massa nos últimos anos, que tem os tributos de uma comunicação produzida em escala industrial para consumo rápido e imediato. Para atingir o número de 50 milhões de usuários nos Estados Unidos, o rádio levou 38 anos; a TV de sinal aberto, 13 anos; a TV paga, 10 anos; e a internet, apenas 5 anos (GRUBER, 2000). O que leva a crer que a rede é o mais novo veículo de comunicação de massa da atualidade. No entanto, sabe-se que obras com possibilidades de diversas leituras não são privilégios da cultura de massa.

Com exceção dos portais de notícia, que utilizam para se comunicar o texto predominantemente, a linguagem cinematográfica é a que mais influencia o ciberespaço de maneira geral, não só porque em ambos predomina o caráter audiovisual, mas porque o cinema

¹⁴ Disponível em www.webwritersbrasil.com.br/base_txt.asp?numero=413, acessado em 12/04/2005.

foi também um integrador de mídias logo no seu início, principalmente no trabalho dos cineastas futuristas. Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) e seu grupo, composto entre outros por Umberto Boccioni (1882-1916), Giacomo Balla Milano (1871-1958) e Bruno Corra (1892-1976) redigiram *Il manifesto del cinema futurista*, em 1916, no qual declararam que o cinema poderia tornar as expressões humanas mais dinâmicas e sintéticas em contrapartida às artes tradicionais, transformar as “palavras em liberdade cinematográfica, reconstrução do irreal do corpo humano cinematografado” e apresentar no “mesmo quadro e instante duas ou três visões diferentes”¹⁵.

A chamada narrativa por desconstrução era uma estratégia usada para encontrar as maneiras mais expressivas de fazer cinema, explorando todos os recursos já conhecidos somados à descontinuidade promovida pela inserção de eventos, de planos e de sonoridades que quebravam a seqüência lógica e cronológica da história. Na internet, em especial nos jogos eletrônicos, percebe-se a tendência dos trabalhos para a mesma estrutura. A descontinuidade espacial e temporal traz um componente extra ao usuário: um novo sentido em detrimento da condução narrativa realista e linear. O cineasta Luis Buñuel (1900-1983) é um exemplo de autor que utilizava a narrativa descontínua – seus filmes estão repletos de elementos surrealistas e psicanalíticos. François Truffaut (1932-1984) e Jean-Luc Godard também popularizaram a narrativa audiovisual descontínua. Essa fragmentação não pressupôs, no entanto, a obstrução no entendimento, porque eram artistas que se preocupavam com a boa elaboração do projeto e o entendimento do público.

Os jogos eletrônicos são os meios mais eficazes para imergir em uma realidade virtual, só possibilitada em razão de uma conjunção perfeita de tecnologia e profissionais

¹⁵ Disponível em www.fmcinema.com/cult/fut.html, acessado em 12/04/2005.

qualificados – muitos são os próprios usuários –, que edificam cenários e oferecem interatividade extremamente ampla. Entre as centenas de novidades, destacam-se os jogos baseados em livros, em *HQs*, em filmes e até em um *rapper* de sucesso, o norte americano *50 Cent*, que está em um videogame (*50 Cent: Bulletproof*) que simula a mesma vida violenta que ele quer passar para o mundo em seus discos, mas que, na vida real, não passa de marketing de um novo milionário do rap. *O Caso dos Dez Negrinhos*, livro clássico de mistério e assassinato de Agatha Christie (1890-1976), já está nas lojas em formato de game, somente para computadores. Ele é o primeiro de uma série de livros da escritora que serão enredo de games. Filmes então viram jogos eletrônicos da noite para o dia, sempre muito verossímeis e cheios de sangue.

O que se percebe hoje é que a rede se transformou numa espécie de alegoria de conteúdos, que por si só são desvalorizados quando estruturados de maneira séria, planejada e articulada. Os usuários, sem preparo, estruturam sites com o maior número de cores possíveis e o maior número de objetos se movendo da tela. Os interesses raramente são literários, críticos, analíticos ou questionadores, com exceção dos usuários jornalistas que viram na rede uma forma de se deslocar das redações. Os links são distribuídos aleatoriamente, às vezes, em uma frase com 20 palavras, cinco são links. Essa descontinuidade impede a construção de sentido por completo, quem dirá da contextualização. Os jogos eletrônicos são hoje classificados, como mostra a seção *Super Cult* da revista *Super Interessante* de março de 2005, dentre outros, como os mais agressivos, os mais amedrontadores, os mais paranóicos, os mais envolventes, os mais reais e os mais imprevisíveis. Tramas macabras, sustos e visuais grotescos se tornaram a alegria da garotada. Problemas nervosos ou cardiovasculares e comportamentos agressivos talvez se tornem a tristeza no futuro.

5 – CAPÍTULO 3

A PÓS-MODERNIDADE NO CAMINHO DO PRÉ-APOCALIPSE

“Estamos nós, que vivemos neste presente, condenados a nunca experimentar a autonomia, a nunca pisar num pedaço de terra governado apenas pela liberdade?”
Hakim Bey [Peter Lamborn Wilson]

“Na internet, títulos balançam, anúncios piscam e relampejam na borda da tela, palavras em fundos de cor viva incham, migram e explodem como bolhas”.
Todd Gitlin

A internet, mais do que as outras mídias, reflete uma nova realidade contemporânea, em que o campo tecnológico e seus mais que velozes avanços produziram sintomas de transfigurações culturais e comunicacionais nunca antes vistas. A falta de monitoramento das informações que compõem a internet – pacotes aleatórios de idéias, símbolos e ideologias – promovem consciente ou inconscientemente um lastro social, podendo atuar em mudanças tanto para o bem quanto para o mal. Essas mudanças são potencializadas quanto maior for o tempo de contato com a rede. Segundo pesquisa do *Ibope/NetRatings*, em março de 2005, o Brasil atingiu seu maior índice de navegação na internet¹⁶. Os brasileiros permaneceram conectados, em média, 15 horas e 57 minutos por dia, um acréscimo de uma hora e 44 minutos em relação a fevereiro. No mesmo período de 2004, a média foi de 13 horas e 14 minutos.

A quantidade absurda de *banners*, *pop-ups* e *spams* de propagandas encontradas na rede é claramente um fator operante na transformação das pessoas em seres cada vez mais consumistas insaciáveis, sendo diminuída a capacidade de valorizar os objetos e os bens. Segundo um balanço divulgado pela empresa *Google* referente ao primeiro trimestre fiscal de

¹⁶ Disponível em www.ibope.com.br, acessado em 22/02/2005.

2005, a companhia registrou um lucro de US\$ 369 milhões¹⁷. O balanço representa aumento de 476% contra os US\$ 64 milhões contabilizados no mesmo período do ano passado. O resultado é atribuído ao sucesso do sistema de publicidade atrelado às buscas na internet. A cada pesquisa, o *Google* mostra anúncios relacionados com os resultados. O crescimento da receita foi de 93% na comparação com o ano passado, atingindo US\$ 1,25 bilhão nos três primeiros meses do ano. O espetáculo das notícias exhibe guerras sangrentas, corpos mutilados e tiroteios, estimulando a agressividade dos usuários. A pornografia transbordante é assistida por crianças cada vez mais novas, que aprendem a manusear o computador cada vez mais cedo. O ritmo fragmentado e a instantaneidade provocam déficits de atenção. A execução de atividades no conforto do lar com o aumento expressivo dos serviços prestados à distância de um mero clique no mouse provoca a obesidade da população e torna todos menos sociáveis, e portanto, menos democráticos.

Esses são apenas alguns poucos exemplos isolados numa ampla gama de problemas provenientes da supersaturação da internet. No entanto, é reconhecido o princípio da liberdade de expressão relativa aos conteúdos na rede, e rejeitar qualquer um deles por ter sido considerado negativo seria o retrocesso da censura. Assim, resta aos especialistas e estudiosos a crítica e a tentativa de alertar os usuários para os prejuízos inerentes a uma leitura indiscriminada e inercial dos conteúdos cibernéticos.

Nunca a população brasileira se comunicou tanto em tantas telas, através de tantos canais, absorvendo tantas horas de insubstituível atenção humana. A internet é o próprio espelho do paradigma da quantidade sobrepondo-se à qualidade, já que estrategicamente dissemina uma ordem em que todos se comunicam, todos precisam estar antenados e habituados

¹⁷ Disponível em www.google.com, acessado em 14/04/2005.

a viver com as novas tecnologias, mesmo que não supram qualquer necessidade. De acordo com o americano Todd Gitlin, mestre em jornalismo e sociologia, em seu brilhante livro *Mídias sem limite*

o mais importante nas comunicações em meio às quais vivemos não é que enganem (o que fazem); ou que transmitam uma ideologia limitante (o que fazem); ou que enfatizem o sexo e a violência (o que fazem); ou passem imagens diminuídas do bom, do verdadeiro e do normal (o que fazem); ou corroam a qualidade da arte (o que também fazem); ou que reduzam a linguagem (o que certamente fazem) – mas que, com todas as suas mentiras, distorções e prazeres rasteiros, saturem nosso modo de vida com uma promessa de sentimento, ainda que talvez não saibamos exatamente como nos sentimos a respeito deste ou daquele lote de imagens, a não ser que estão lá, jorrando de telas grandes e pequenas ou borbulhando no cenário da vida, mas sempre correndo em frente. (GITLIN, 2003, p. 15)

A velocidade com que as pessoas absorvem as informações faz com que os significados não sejam necessariamente construídos com as imagens e sons oferecidos. Muitas vezes nem mesmo há tempo de fazer interpretações, muito menos emitir opiniões quando são oferecidos milhares de pontos de vistas diferentes e igualmente legitimados. A rede mundial não transmite mais do que a aparência das coisas, numa espécie de plenitude restrita, pois embora exista uma quantidade imensa de informações disponíveis, em geral, são dados efêmeros: antes mesmo de sumirem provocam impressões limitadas. As mudanças mais drásticas aconteceram na magnitude do fluxo de informações; no leque de personagens que penetram na vida das pessoas; na onipresença tecnológica; e no número absurdo de histórias que, inevitavelmente, não passam de fragmentos, continuações, distorções e intervalos.

Mas afinal, a rapidez é um meio ou um fim? Se é um meio, é tão generalizada e automática que se tornou um fim. Deve-se correr mais depressa, voar mais depressa, acessar mais depressa e clicar mais depressa. Psiquiatras já discutem a existência de um distúrbio conhecido como “doença da pressa”, cujos sintomas seriam a alta ansiedade, dificuldade para relaxar e, em casos mais graves, problemas de saúde e de relacionamento. Friedrich Nietzsche, em seu livro *A Gaia Ciência*, escreveu:

Tem-se vergonha de descansar, e a reflexão prolongada quase causa às pessoas dor de consciência. Pensa-se com o relógio na mão, mesmo ao fazer-se a refeição do meio-dia enquanto se lêem as últimas notícias do mercado de ações; vive-se como se se pudesse ‘perder alguma coisa’ (...) A virtude veio a consistir em fazer algo em menos tempo que os outros. (NIETZSCHE, 2001)¹⁸

O grande paradoxo é que nem tudo ao redor consegue atender à demanda. Os carros podem estar mais rápidos, mas as viagens demoram cada vez mais por culpa dos congestionamentos.

O mundo ao redor vende a idéia de que é preciso ter tudo do melhor para ser feliz. Entretanto, a rapidez com que novas distrações – rapidamente transformadas em necessidades – são criadas para dar prazeres momentâneos e superficiais às pessoas (sem tempo para atividades mais construtivas), torna a felicidade plena cada vez mais inatingível. E, uma vez alcançado essa espécie de nirvana, é hora de defendê-lo da concorrência, da inveja alheia, dos criminosos. Resultado: a vida nos grandes centros urbanos passou a ser sinônimo de insaciedade, cansaço, frustração e ansiedade.

¹⁸ Apud www.tognolli.com/html/mid_tsunami.htm, acessado em 05/05/2005.

O PhD em psicologia, Jacob Pinheiro Goldberg, afirmou na revista *Trip* de janeiro do ano passado, que a ansiedade é resultado da constatação do desejo e da dificuldade de alcance, gozo e fruição desse desejo. “É isso que desencadeia, é esse o catalisador do sentimento de desconforto representado pela ansiedade”, afirma Jacob. Uma das principais preocupações do especialista é a questão da identidade, da dificuldade das pessoas saberem com nitidez seu papel na vida e na sociedade. “Qual é o meu papel na vida num momento de achatamento, em que a tendência é as pessoas pensarem da mesma forma, terem os mesmos paradigmas?”, aponta Jacob como o principal questionamento pós-moderno. A zen-budista Monja Coen, de 56 anos, na mesma matéria, diz que a ansiedade acelera as palavras, os pensamentos e o batimento cardíaco. “A doença do século é viver sempre preocupado”, afirma Monja, que é defensora do que chama de “cultura da paz”, em respeito à vida, à lentidão dos procedimentos e do culto a outros comportamentos quanto à saúde, à educação e à justiça. Para Monja, a internet exacerba a violência, além de excluir parte dos indivíduos. O problema da despersonalização, da falta de identidade das pessoas, esvazia de importância sua existência, o que faz do assassinato, por exemplo, algo cada vez mais trivial e irrelevante para os criminosos.

A cada vez menor sensibilidade do pensamento colocou, hoje, as imagens muito acima das palavras, mas até a natureza das figuras pode ser mal entendida. Imagens publicitárias, protetores de tela que não param, videocliques e videogames são formados de figuras que funcionam desde que sejam instantaneamente reconhecidas para que sem muito esforço o conjunto possa ser apreendido com uma olhada e provocar a sensação prevista. Especialmente se essas imagens se esfregam umas às outras indiscriminadamente numa simulação de movimento.

O professor da Universidade de Nova Iorque, Mark Crispin Miller, chama de “subvisual” o prazer visceral com a desorientação que resulta de uma seqüência de explosões, prazer na imersão em um desfile enlouquecido de fragmentos, o tipo de prazer que, extrapolado do cinema para as outras artes, passou a ser chamado de “pós-moderno”¹⁹. A montagem é a mensagem, e a mensagem é que o turbilhão de informações faz bem. Em relação às tipografias, a situação da fotografia e do vídeo – enquadramento cortado, movimento estroboscópico e tomadas fora de foco – é que muitos *designers* mais jovens de logotipos e revistas rejeitam a legibilidade e a linearidade em prol de manchas e borrões, representações visuais desse turbilhão.

Muitos intelectuais valorizam o ato da atenção, acreditando ser é algo que não acontece, mas algo que se executa. Porém, a sobrecarga de interrupções cotidianas sonoras e visuais do caos urbano das sociedades desenvolvidas faz com que a atenção seja associada à força de vontade, à habilidade e ao esforço. É a atenção a mercadoria que os anunciantes mais disputam e, conseqüentemente, que os proprietários dos meios de comunicação pretendem barganhar. Conforme a pesquisa do Grupo de Mídia de São Paulo existem atualmente no Brasil 394 jornais diários, nove canais de TV aberta, 1640 revistas, 2986 emissoras de rádio, 73 milhões de sites, 38, 7 milhões de telefones fixos, 88 canais de TV por assinatura e 37,4 milhões de telefones celulares²⁰. Hoje, nenhum espaço está a salvo, nem, e, muito menos, o espaço da internet, onde *banners* e *pop-ups* são cada vez mais oportunistas. E, embora os usuários tenham aprendido a ignorá-los, fechando a janela piscante ou utilizando programas que identificam e impedem a abertura da mesma, a cada instante, novas formas de invadir a atenção do usuário é criada por programadores. Os anunciantes afirmam que o que querem é romper a bagunça. Mas,

¹⁹ Disponível em www.thephotographyinstitute.org/www/journals/2002/crispin_miller.html, acessado em 23/02/2005.

²⁰ Disponível em www.gm.org.br, acessado em 22/02/2005.

claro, a bagunça não é uma força da natureza; é um produto do frenesi da competição. A bagunça nada mais é que a soma de todas as tentativas anteriores de romper a bagunça. Assim, a bagunça de imagens e sons criados é o motor que leva os anúncios para espaços até então inóspitos.

Em 1831, o francês Alexis de Tocqueville (1805-1859) foi à América do Norte estudar a democracia e constatou o seguinte:

As nações democráticas cultivam as artes que servem para facilitar a vida, em vez daquelas cujo objetivo é adorná-la. Os artistas das sociedades democráticas geralmente buscam o prazer fácil e a informação sem esforço. Os resultados, muitas vezes, são mercadorias imperfeitas que substituem a representação de sentimento e pensamento por movimento e sensação. (...) O estilo será freqüentemente fantástico, incorreto, sobrecarregado e solto, quase sempre veemente e ousado. Os autores visarão à rapidez de execução mais que a perfeição do detalhe.²¹

Assim, faz-se uma extensão do consumo de mercadorias para o consumo de imagens, sons e texto. O sociólogo judeu-alemão George Simmel (1858-1918), primeiro analista da modernidade, dizia que uma pessoa sensível é facilmente induzida a sentir-se desorientada quando em uma metrópole, pois

precisamente esta riqueza e este colorido de impressões tão apressadas são apropriados e exaustos. É como se o homem moderno desejasse compensar a unilateridade e a uniformidade do que produz dentro da divisão de trabalho pela aglomeração crescente de impressões heterogêneas, pela mudança de emoções cada vez mais apressada e colorida. (SIMMEL, 1971, p. 325-330)

²¹ Disponível em http://xroads.virginia.edu/~HYPER/DETOC/ch1_11.htm, acessado em 22/02/2005.

Muito do que é produzido, não importa com que rapidez, fracassa, especialmente porque a maior parte da população não tem acesso ou mesmo necessidade das quinquilharias eletrônicas fabricadas por segundo. Então, é mais exato dizer que, numa cultura de mercado, as pessoas fazem coisas porque acreditam que vão vender. Ademais, os investimentos são concentrados em aperfeiçoamentos mesmo quando os modelos anteriores são satisfatórios. Claramente, a rapidez tem valor monetário superior.

O uso de sons e músicas na internet serve para uma espécie de orquestramento de um sentimento coletivo, de preferência associado à marca a ser vendida ou que enseje uma vontade específica, explorando o fato de que é possível optar por não ver com muito mais facilidade do que não escutar. Desviar os olhos da tela é muito mais difícil do que não dar atenção ao que o ouvido capta. Essa estratégia, utilizada pela primeira vez nos anos 40, quando músicas passaram a ser reproduzidas em fábricas americanas no intuito de estimular a produção – e hoje, praticamente nenhum espaço público é destituído de trilhas sonoras – foi acoplada também aos sites da internet especialmente por aqueles que exploram a apropriação do desejo do usuário, empacotado e irradiado de volta pela descoberta de encaixar seu desejo ao desejo de lucro da empresa, com o princípio do prazer. Os desenvolvedores de sites procuram utilizar técnicas de abordagem sonora voltadas de acordo o grupo social a ser atingido. Os jovens preferem música alta e mais animada, enquanto os usuários de meia-idade música mais tranquila. Para cada nicho, um som. Alguns sites ainda, para não transparecer o controle que exercem, oferecem uma lista aparentemente variada de músicas, mas que, essencialmente, foram previamente selecionadas para não desviar da sensação a ser estimulada.

Os desenvolvedores de sites procuram ao máximo transportar para a tela do computador o real, mas um real que, independente da tecnologia aplicada, será sempre virtual. A tela brilhante e os eventuais problemas técnicos estarão sempre presentes para lembrar o usuário de que aquilo é irreal. A intenção é oferecer sensações digitalmente de forma a aproximar ao máximo o usuário de uma realidade – muitas vezes impossível de acontecer. Humberto Eco afirma em seu livro *Travels in Hyperreality* (ECO, 1986, p. 80-89) que essas informações fazem parte de uma realidade “hiper-real”, mais real que o real, produto de uma “falsificação absoluta” e que prospera em todo o mundo um “desejo frenético do quase real”. Mas o usuário espera uma fidelidade com real, ainda que fantástica. Espera-se que as imagens amplifiquem a vida, que a intensifiquem e concentrem ao serem melhores que o real, mais vívidas. Afinal, o ser humano está sempre em busca de qualquer relâmpago de satisfação, prazer ou identificação pessoal. A razão para isso, explica o historiador James Truslow Adams (1878-1949), muito antes da televisão e do computador, é

devido a esta quantidade e variedade de sensações e a seu ambiente constantemente mutável, o homem moderno também é chamado a fazer um número muito maior de ajustes ao universo (...) Quando o número de sensações aumenta, o tempo que temos para reagir a elas e digeri-las fica menor. (...) Tal vida tende a tornar-se uma mera busca de mais e mais sensações excitantes, minando ainda mais nosso poder de concentração no pensamento. Busca-se o alívio da fadiga e do tédio na mera excitação dos nervos, como em carros velozes e filmes emotivos. (ADAMS, 1931, p. 85, 90)

Diálogos que prendam atenção exigem talento raro, por isso, os desenvolvedores também estão sempre buscando adicionar movimentos às imagens. A lentidão pode trazer excelência ou mediocridade. A rapidez também.

Num país como o Brasil, onde a sociedade da informação é incompleta, o rápido e o lento coexistem. Em primeiro lugar, existem aqueles que ainda vivem no campo, ou em condições miseráveis e, portanto, nunca tiveram a oportunidade de utilizar um computador, quem dirá a internet. E em segundo, estão aqueles que resistem à rapidez. Nenhuma sociedade pode sobreviver por muito tempo com a extensão alucinada de um único princípio e a supressão de todos os outros. A rapidez traz a relativa lentidão em sua esteira, que também é contrabalanceada pela rotina, pelo retardamento e afunilamento da iniciativa humana. Nas sociedades pós-modernas em desenvolvimento, a rapidez e a estagnação coexistem. A falta de participação democrática é um exemplo da falta dessa mobilização generalizada. A hipervalorização da vida privada em detrimento da pública é um dos motivos para o rompimento com a coletividade.

A busca incessante de sensações e prazeres descartáveis esvazia completamente a vida pública. Se a maioria das pessoas acha as imagens e os sons processados mais divertidos, mais envolventes do que a vida cívica e o auto-governo, o que fazer da vida cotidiana de partidos, grupos de interesse e movimentos, dos debates, reivindicações e alianças que fazem a democracia acontecer? Em qualquer dia, em qualquer hora, qualquer um prefere assistir à televisão ao invés de, por exemplo, ir a uma reunião política, escrever uma carta para uma autoridade pública ou organizar uma manifestação. O cientista político norte-americano Robert D. Putnam aprofundou o assunto. Depois de examinar diversas estatísticas – que segundo o próprio autor também se aplicam a outros países – concluiu, na década de 70, que

os que diziam passar mais tempo assistindo à TV tinham probabilidade significativamente menor de frequentar comícios, prestar serviços a

organizações locais, assinar petições e coisas semelhantes do que pessoas que disseram passar menos tempo em frente à televisão.²²

No Brasil, o poder está diretamente vinculado ao fator econômico, em que classes dominantes conservam-se facilmente em altos patamares. Aqueles que desejam mudar a realidade que os prejudicam – os pobres, as minorias, os trabalhadores – precisam provocar a ação. Isto a saturação das mídias com certeza retarda. Além disso, o hiperfluxo traz consigo o sentimento descartável e a perene busca por algo prazeroso e leve, que é o estado ideal para o retraimento político, mesmo quando simulacros de engajamento político convencem a sociedade de que estão se mobilizando. Imagens de imenso sofrimento, guerras e doenças são formas de estimular um falso sentimento solidário nas pessoas. Os fundos de ajuda *on-line* criados para que a população possa doar alguns reais durante o ano disparam. Abaixo-assinados e comunidades de auxílio, como as criadas para vítimas de tsunamis, refugiados, idosos, crianças abandonadas, soropositivos, ruandenses atingidos pelo genocídio brotam e depois murcham. Porém, é eficaz a sensação de luta pelos direitos humanos daqueles que por telefone ou via e-mail doam uns pares de reais. Essas pessoas mantêm-se isoladas, não se unem num movimento sedimentado, convincente e transformador e, portanto, não se pode dizer que realizam sua parte como cidadãos realmente comprometidos com a democracia.

Discussões sobre a internet como nova promessa de transformação da sociedade acomodada vem à tona em razão da possibilidade de contornar autoridades centrais, criando movimentos sociais virtuais, interligados mesmo quando espalhados. Organizações como *Anistia Internacional* e a *Campanha Internacional pela Proibição de Minas Terrestres* se beneficiaram com as conexões de internet e obtiveram alguns resultados. No entanto, o que se

²² Disponível em www.bowlingalone.com, acessado em 12/04/2005.

pode especular do suposto potencial de uma tecnologia tão jovem? Da mesma maneira que crescem grupos em prol dos direitos humanos e ambientais, crescem os entusiastas do neonazismo, da pornografia, da bulimia e anorexia – o *Orkut* está cheio de comunidades com esses ideários. Desde quando o rádio foi inventado que se fazem especulações utópicas sobre os veículos de comunicação como instrumentos de mobilização, só para pouco tempo depois vê-los engolidos inevitavelmente pelo turbilhão.

O jornalista crítico Juremir Machado da Silva certa vez estereotipou de maneira debochada, mas brilhante, o sujeito que acredita piamente que a democracia virtual já começou e que o mundo inteiro está ligado na internet, apelidando-o “o idiota tecnológico”.

A progressão, no seu entender, é tão grande que em poucos anos nenhuma pessoa viverá sem um computador. Adepto de Lévy, crê na transformação cerebral do homem graças às novas tecnologias. Leitor de Negroponte, aposta na transparência inexorável da informação graças ao universo virtual. (SILVA, 2000, p. 11)

Para Juremir, o idiota tecnológico é aquele que acredita que a inteligência artificial pode salvar a humanidade de sua estupidez natural. Discípulo do “publicitário Pierre Lévy”, o idiota associa utopia tecnicista e iluminismo, isto é, acredita que a revolução virtual seria o resultado da associação da informação com a razão ilustrada em prol dos direitos humanos e de um espaço ideal de comunicação. O erro, segundo o jornalista, é responsabilizar a pós-modernidade pela revolução, desaparecendo o homem, “engolido, com as suas circunstâncias, idéias e ideologias, pelas estruturas tecnológicas, de construção do futuro e do presente”. (2000, p. 140). Quanto à internet, o jornalista diz nada impedir sua contribuição para a democracia virtual. No entanto, cita exemplos de ápices dessa tecnologia utilizada para uma “simulação

indecente da esfera pública”. Crê que a internet obscurece a importância da cultura e é acessório destinado aos interesses dos homens ou, precisamente, “das minorias que controlam as maiorias”. Ele expõe que os “eternos donos do poder” sabem muito bem como utilizar supostos espaços de liberdade, como a internet, quando lhe convém. Juremir esclarece:

A internet pode eliminar certas distâncias (físicas), mas não tem poder para derrubar as separações sociais, de classe, de prestígio, de distinção, de classificação, ou seja, as distâncias simbólicas, ao mesmo tempo mais tênues e mais enraizadas. (2000, p.142)

Os *blogs* ou diários virtuais, que antes – não tão antes assim – figuravam como mania entre os adolescentes e aficionados por internet, hoje também são parte integrante da vida de famosos e principalmente de executivos. Os *blogueiros* tradicionais ainda comandam a maioria dos cerca de nove milhões de sites do gênero, mas já dividem a atenção dos internautas de grandes empresas, governantes e economistas. Especialistas em marketing apontam os diários virtuais como um dos principais celeiros de formadores de opinião. Segundo um estudo²³ realizado pela empresa de pesquisas *Pew Internet*, cerca de 32 milhões de norte-americanos adultos lêem *blogs* com frequência. Desses, 4% dizem ler regularmente diários que tratam de política e 39% possuem o nível superior completo. Estima-se ainda que diariamente 40 mil novas páginas são armazenadas na rede. Esta é uma estratégia muito bem articulada de empresas para atrair consumidores, pois de forma emblemática procuram dar a impressão de que a empresa está mais próxima do cliente. Há casos de empresas que montam diários como se fossem adolescentes, cativando leitores e sugerindo produtos da empresa. No Brasil, os números também

²³ Disponível em www.pewinternet.org, acessado em 05/05/2005.

aumentam. De acordo com o *Ibope/Ratings*, mais de sete milhões de brasileiros visitaram *blogs* ou *fotologs*, isto é, 60% dos usuários do país²⁴.

Há também os políticos que utilizam *blogs* para conquistar votos e fazer campanha eleitoral. Na opinião do professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (Unicamp), Tom Dwyer, o fenômeno dos *blogs* políticos ocorreu pela comodidade da comunicação moderna. Em entrevista publicada no dia 28 de março de 2005, no jornal *Folha de S. Paulo*, ele explicou que

você pode chegar em casa e fazer meia hora de militância na frente do computador. (...) Os políticos têm uma relação superficial com a internet. Eles não têm controle das situações que podem acontecer em um site aberto a comentários. É como em um comício. O político sente que pode perder o controle e não gosta muito disso. (Folha de S. Paulo, 28/03/2005)

No Brasil, os parlamentares *blogueiros* já são vários, tais como a vereadora Soninha e o senador Cristovam Buarque, do PT e o deputado federal Inácio Arruda do PC do B do Acre. Os *blogs* podem ser criados por qualquer um para qualquer finalidade, sem nenhum tipo de monitoramento ou edição de conteúdo. São gratuitos e em português, de fácil acessibilidade. Portanto, deve-se considerar que grande parte das informações tem caráter duvidoso. Quem pode garantir a credibilidade da informação?

Hoje existe algo que há muito só havia em desenhos animados: conversas com interlocutor ao vivo, via *software* de vídeo conectado à internet. Para tanto, é preciso uma câmera digital, microfone, caixas de som, uma conexão rápida e um dispositivo de bate-papo com vídeo. Muitos são os usos do *videochat*, tais como videoconferências e conversas com familiares em

²⁴ Disponível em www.ibope.com.br, acessado em 22/04/2005.

regiões longínquas para matar as saudades. Cenários, animais, trânsito, clima e até a vida privada de pessoas estão em *webcams* gratuitas espalhadas pelos portais da internet. O problema é que o uso das câmeras digitais tem sido desvirtuado, causando ofensa e constrangimento especialmente em razão do acesso irrestrito das imagens, que são mais comumente impróprias para crianças. A câmera digital também pode ser usada para roubar dados sigilosos. Há vírus que permitem controlar remotamente a posição de câmeras com esse recurso. Assim, é possível capturar, gravar e enviar via rede tudo o que o usuário digitou, como sites acessados, senhas de bancos ou o número de um cartão de crédito.

As câmeras digitais *on-line* foram ampliadas à vida pública, e hoje já estão em diversos pontos de cidades do mundo inteiro no intuito de contribuir com a polícia na proteção de propriedades. No entanto, muitas pessoas sentem-se incomodadas com o visor onipresente. Há pouco tempo, na cidade norte americana de *Nashville*, no *Tennessee*, uma escola instalou câmeras que filmavam as crianças em trajes menores e até nuas nos vestiários. Os pais moveram um processo de US\$ 4,2 milhões contra a escola. Os funcionários alegaram que as câmeras foram posicionadas para observar uma porta de saída de um corredor. No site <http://www2.uol.com.br/aliwebcam>²⁵ podem ser encontrados vídeos ao vivo de diversas capitais brasileiras, que são divididas em oito categorias temáticas.

O telefone celular em sincronia com computadores e a internet – algo desenvolvido muito recentemente – é uma maneira de evitar a perda de dados importantes caso nem um, nem outro tiverem *backups* e a placa, no caso do computador, ou o *chip*, no caso do telefone, forem danificados. Mas como junto com todas as novas tecnologias *on-line* chegam

²⁵ Ao acessar o site, no dia 19/05/2005, *pop-ups* pipocaram com imagens pornográficas e o link para o seguinte endereço: <http://www.liveyecams.com>, que oferece a possibilidade de assistir a uma garota se despir via câmera digital.

também novos tipos de vírus, com os celulares não seria diferente. O mais novo vírus detectado em celulares existe apenas naqueles que usam o sistema operacional *Symbian*. Trata-se do *Symbos_Skulls.I*, que além de mudar ícones de aplicativos de celulares para a figura de uma caveira, extrai arquivos dos *drives* C e E dos telefones. Os casos de ataques maliciosos em telefones celulares ainda são raros, embora isso certamente deverá mudar com a oferta de novos modelos com a capacidade de fazer *download* de *softwares* das redes sem fio, que são altamente vulneráveis.

Há ainda um problema grave resultante do uso demasiado do telefone celular para fins cibernéticos, constatado por um estudo encomendado por psicólogos britânicos – realizado pela empresa californiana *Hewlett e Packard* e divulgado pela agência espanhola de notícias *EFE* (filial do Brasil). Isto é: enviar correntes de *e-mails* e mandar mensagens por telefone celular de forma obsessiva pode causar redução no quociente de inteligência (QI) em até dez pontos – duas vezes mais do que fumar maconha. O fenômeno, batizado pelos pesquisadores de *infomania*, atinge principalmente os homens adultos, e equivale a passar uma noite sem dormir. Os efeitos são induzidos, por exemplo, pela perda de concentração dos funcionários em horas de trabalho, pois o constante contato com as tecnologias os distrai de suas obrigações.

Além de influenciar no QI, as novas tecnologias reduzem a produtividade dos funcionários, geram estresse e um péssimo ambiente de trabalho. A agência *EFE* divulgou ainda uma afirmação do psicólogo da Universidade de Londres, Glenn Wilson: "A *infomania* danifica a forma de trabalhar das pessoas ao reduzir sua perspicácia mental" declarou. Para ele o fenômeno é real e cada vez está mais disseminado. Para elaborar o estudo, os psicólogos submeteram 18 voluntários a vários testes clínicos e entrevistaram 1,1 mil adultos. Destes, 62% confessaram ser

viciados em *e-mails* e torpedos. A metade dos entrevistados reconheceu que sempre tenta responder imediatamente às mensagens de texto e aos *e-mails*, mesmo que para isso tenha de interromper qualquer tipo de conversa²⁶.

A constatação presunçosa, porém reinante, de que mais é melhor e de que o superfluxo das mídias é sinônimo de progresso pode ser contestada por um paradoxo que acompanha o excesso de informações, imagens e sons: enquanto o turbilhão passa em disparada os indivíduos estão cada vez mais imobilizados. As novidades jorram adiante, mas o telespectador refestelado no sofá continua inerte. Quanto às consequências humanas da vida sedentária, pode-se alegar alguma hesitação, mas parece improvável que o *fast food* seja a única razão pelos quais *zappeiros* de controles-remoto e os internautas acabaram ficando espantosamente obesos. Acontece que isso parece não preocupar parte da indústria farmacêutica que lucrará mais um pouco com alguma nova invenção paliativa. Na era do fluxo incessante de imagens, não há angústia social que não possa ser atendida com uma mercadoria, uma moeda e uma aparição no noticiário – nenhum dos quais serve para dissolver a angústia.

Há pouco tempo, ganhou força uma discussão sobre a quantidade alarmante de propaganda comercial de salgadinhos, hambúrgueres, biscoitos e refrigerantes, nos canais infantis de televisão, fato que passou a ser ponto de preocupação dos brasileiros em razão do crescente índice de obesidade da população. Uma pesquisa realizada pelo Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) avaliou o conteúdo das propagandas veiculadas nos intervalos de alguns programas infantis de televisão. Concluído no final de 2004, o estudo constatou que, para cada dez minutos de propaganda, um minuto tem objetivo de promover o

²⁶ Disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI518435-EI4796,00.html>, acessado em 05/05/2005.

consumo de produtos alimentícios, sendo que um estudo da Organização Mundial de Saúde apontou que apenas 30 segundos de propaganda já são suficientes para exercer forte influência sobre as crianças²⁷. Essa pesquisa, embora não se aplique aos anúncios da internet, comprova a facilidade com que as crianças são seduzidas, o que deve ser preocupante, não só em razão da capacidade das crianças de cada vez mais cedo navegar na rede e do consumo educado mas também devido à quantidade indiscriminada de propaganda de sites pornográficos, à distância de um rápido clique no mouse. O governo não interfere, muito menos os pais, sempre mais ausentes na educação dos filhos. Empresas que tentam combater os que buscam o lucro promovem seus próprios anúncios e logotipos antiempresariais. O *Greenpeace*, por exemplo, tem o seu, assim como as campanhas contra a globalização capitalista. Os críticos podem tentar desviar a torrente de mídias, mas nem sequer imaginam secá-la.

No século XIX, Karl Marx e Friedrich Engels escreveram em um trecho do *Manifesto Comunista* que capitalismo significa

revolução constante da produção, perturbação interrupta de todas as condições sociais, incerteza e agitação duradouras (...) Todas as relações fixas e congeladas, com sua bagagem de antigos e veneráveis preconceitos e opiniões, são varridas, todas as recém formadas tornam-se antiquadas antes que possam ossificar-se. Tudo que é sólido desmancha no ar. (MARX, 1997)²⁸

Ambos acreditavam que essa visão culminaria com o homem “obrigado a enfrentar com sobriedade sua verdadeira condição de vida e as relações com seus iguais”. Em vez disso, quando tudo o que era sólido se desmanchou, desmanchou-se numa corrente incessante de

²⁷ Disponível em www.sban.com.br/noticias/fev-2005.htm, acessado em 23/04/2005.

²⁸ Apud www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista, acessado em 24/04/2005.

imagens e sons, uma promessa infinita de sensações e sentimentos descartáveis, uma cacofonia interminável de energias e barulho, a “incerteza e agitação” do maior e mais fantástico espetáculo da Terra.

5.1 – Anarquia ao extremo: ilegalidades na rede

A internet foi responsável por uma liberação maior de um hábito que antes era resguardado – mas cultuado desde a Antigüidade –, confidenciado apenas ao balconista de uma vídeo-locadora: assistir a filmes pornô. Mas a rede foi um complemento, um canal utilizado para circular, ou legitimar – assim como a TV –, uma cultura voltada para o sexo, influenciada pelo marketing e pela publicidade sexual. A indústria pornográfica ganhou força com a tecnologia e com o espaço oferecido pela rede. Filmes caseiros, imagens amadoras e até fotos pessoais correm indiscriminadamente pela rede mundial. O fetiche pela invasão de privacidade e a possibilidade de ganhar dinheiro expondo imagens em *webcams* atraiu um público considerável.

Mas a pornografia é um meio de expressão que tem sua liberdade garantida como outro qualquer. Os fotógrafos ligados à indústria sabem onde localizar as modelos que começam a se apresentar nos sites com a intenção de se fazerem conhecer, ludibriadas por uma indústria de produção de celebridades, na esperança de serem convocadas para filmes ou revistas. Mas ainda assim é um negócio legitimado, cada modelo deve ser maior de idade e confirmar aos fotógrafos os direitos de vender suas imagens. Nos últimos dois anos, a regulação segura tem-se convertido numa realidade reconhecida, e a maioria dos fotógrafos não se arrisca a vender seus produtos sem a devida autorização. Uma vez que o material está pronto deve-se fazê-lo chegar até aquelas pessoas que desejam publicá-lo *on-line*.

Filha da pós-modernidade, a pornografia desencadeia uma reação genital, provoca excitação e sugere uma descarga iminente; a pornografia é o que torna o sexo rápido possível, sozinho ou acompanhado. Seu propósito é, como qualquer outro produto, despertar desejo na ausência deste, despertar apetite onde não existe fome. O ápice da transformação da pornografia em consumo, num espaço tão “privado” como o da internet, liberou as fronteiras daquilo que é realidade de crianças e realidade de adultos, já que a rede é acessada por todos os tipos de faixas etárias. O problema real é o que essa geração de pais quer que seja mostrado. Enquanto houver demanda, a indústria pornô estará ali para servi-la. Enquanto houver cigarros, as crianças fumarão. Enquanto papai guardar revistas de mulher pelada e vídeos pornôs na gaveta das meias, seus rebentos vão vê-los.

O limite entre uma forma de entretenimento e um crime tornou-se muito sutil com a internet. A pornografia logo se tornou canal também para a pedofilia, e esta sim é ilegal. O artigo 241 do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (Lei nº 8.069/90) proíbe “fotografar ou publicar cenas de sexo explícito ou pornográfica envolvendo crianças e adolescentes”, estabelecendo pena de reclusão de um a quatro anos. O Estatuto foi criado em 1990 quando se pensava apenas em publicação impressa ou vídeo. Agora com as mídias digitais isto precisa ser revisto. Organizações não-governamentais e autoridades têm criticado este artigo por causa da pena muito branda. Em artigo sobre pornografia na internet, o advogado Marcelo De Luca Marzochi afirma que

É preciso observar os dois núcleos do tipo previsto neste artigo. Foram igualadas duas condutas de natureza distinta. Enquanto fotografar pressupõe a exploração sexual do menor, pois será a realização efetiva do ato, requerendo toda uma preparação para a elaboração da fotografia, portanto uma conduta muito mais grave, publicar consiste apenas em tornar público algo já realizado,

disponibilizar a cena pornográfica. No primeiro caso temos um criminoso, no segundo um doente.²⁹

Na Internet, a falta de fronteiras físicas e de um espaço jurídico comum - o que é um delito em um país necessariamente não o é em outros – permite a expansão da distribuição da pornografia infantil, seja como fim em si mesma, seja para a divulgação de outros crimes como, por exemplo, o turismo sexual. A tentativa de combater a pornografia infantil na internet implica numa investigação meticulosa de um comércio clandestino milionário de proporções ainda desconhecidas pelas autoridades. Dados levantados pelo juiz Walter Fanganiello Maierovitch – e apresentados por ele na Itália, em dezembro de 2000, durante uma convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre crime organizado transnacional – mostram a dimensão do mercado internacional da pedofilia. Segundo Maierovitch, o lucro anual com a pedofilia chega a US\$ 5 bilhões. Vídeos envolvendo crianças rendem um lucro anual de US\$ 280 milhões. E, ainda de acordo com o juiz, no ano passado foram localizados 7750 sites de pedofilia na Internet – 50% deles nos EUA – a previsão de especialistas é que o número total de sites do gênero deve ser cerca de dez vezes maior do que o apresentado pela pesquisa³⁰.

O ambiente virtual ofereceu ao pedófilo algo que ele jamais sonhara: o anonimato. Hoje, eles não precisam sair de casa para ir a um pátio de escola ou ao parque mais próximo; sentem-se à vontade na internet, a qual utiliza para conversar com crianças sem problemas em salas de bate-papos, seduzi-las ou manter contato com outras pessoas de mesmo interesse. Amparados pela ocultação da identidade, expõem os (des)valores de uma sociedade deficiente em padrões éticos, morais e de direitos humanos, para satisfazer prazeres perversos e explorar crianças e adolescentes, que na maioria das vezes são carentes financeiramente, já

²⁹ Disponível em <http://www.internetlegal.com.br/artigos/marcelo1.zip>, acessado em 23/04/2005.

³⁰ Disponível em www.jornaleco.vpg.com.br/J6/trivio.htm, acessado em 23/04/2005.

marginalizadas pelo abandono social do país. Uma das maneiras – ainda que pouco representativa – de saber dados dessa rede inextricável é a denúncia. O Instituto Nacional de Criminalística do Departamento de Polícia Técnica Científica do Departamento da Polícia Federal informou genericamente a existência de 400 denúncias no ano de 2003 e 300 denúncias até o mês de junho de 2004. Quanto ao tipo de material denunciado e investigado, o Setor de Perícias em Informática relata 200 endereços de *e-mail* e 110 comunidades virtuais.

O abuso sexual estende-se para a violência. A maioria das crianças são vítimas de danos físicos e psicológicos, que provocam traumas e podem muitas vezes perder o limite, transformando o filme numa outra modalidade de crime duplamente mais grave: o *snuff movie*, em que são filmadas as mortes dos supostos atores após a cena de sexo. Muitas são as bizarrices encontradas na internet relacionada a sexo, inclusive há uma pornografia infantil bizarra, com imagens de bebês sendo abusados sexualmente por adultos. Os próprios pedófilos a denominam de *CP Sick* (*Child Pornography Sick* ou Pornografia Infantil Doentia). É possível que a maioria dessas vítimas seja abusada pelos próprios pais, mas pode-se supor também que sejam crianças seqüestradas ou traficadas. As quadrilhas hoje em dia são organizadas virtualmente, com o respaldo de uma tecnologia que facilita o sistema de informação entre elas, o aliciamento, o transporte, o alojamento, a vigilância e o controle de suas ações, podendo estruturar-se e desmobilizar-se com agilidade.

A facilidade que a internet oferece de comunicação entre as pessoas, protegidas pelo anonimato, de altíssima possibilidade de invasão cibernética em razão da sua alta vulnerabilidade e, especialmente, por ela ter se tornado um dos meios mais utilizados para fazer transações financeiras possibilitou a formação de diversas quadrilhas especializadas em fraudes

cibernéticas, e os infratores se mostram cada vez mais inventivos e capacitados na arte do dano informático. Ao contrário do fenômeno que ocorre em outros países, onde a iniciativa privada desenvolve sistemas operacionais de última geração para viabilizar a utilização da internet e a lei, além de atual, é cumprida, verifica-se que no Brasil os órgãos responsáveis são os da Administração Pública, que pouco fez para colocar em prática uma legislação atualizada. Mesmo com diversas tentativas de proteger os sistemas novas formas de transpassar as tecnologias de segurança são desenvolvidas e o eletrônico é hoje um dos meios mais comuns de lavagem de dinheiro e abertura de contas fantasmas. O problema muitas vezes provém do obsoletismo de muitos institutos jurídicos nacionais quanto à necessidade de reformular as estratégias de combate ao crime virtual.

Pouquíssimos são os usuários que usam programas de proteção a vírus em *e-mails*, ou na própria navegação. Hoje, tudo deve ser protegido contra as quadrilhas de *hackers*. Sem criptografia – codificação de dados – ou um *software* de segurança atualizado, tudo o que se recebe e envia pode ser interceptado em vários pontos. Hoje, já existem serviços de contas de *e-mail* que já vêm com um criptografador. Assim, novos serviços são desenvolvidos, novas contas são criadas, tornam-se desatualizadas por motivo de nova estratégia de invasão, são jogadas fora e novamente refeitas, em nova edição. Os *cookies* – arquivos de texto contendo senhas – enviados ao computador também podem ser usados para monitorar a navegação na rede. Quase todas as faixas publicitárias (*banners*) plantam silenciosamente *cookies* inúteis nos computadores e as maiores empresas de propaganda *on-line* distribuem *cookies* publicitários por centenas ou milhares de sites.

O Grupo de Resposta a Incidentes para a Internet Brasileira, mantido pelo Comitê Gestor da Internet, divulgou estatísticas sobre incidentes ocorridos na internet no quarto trimestre de 2004 e o total consolidado para os últimos doze meses do ano³¹. Em 2004, o total de incidentes reportados espontaneamente por administradores de rede e usuários somou 75.722, número 38,7% maior do que o registrado em 2003. O que mais chamou a atenção no período foi o crescimento significativo no número de fraudes bancárias e financeiras, que no resultado consolidados de 2003 não passava de 1% e em 2004 chegou a 5% do total de incidentes reportados. Um aumento de 577% em relação ao ano anterior. As fraudes, entretanto, continuam em terceiro lugar entre os tipos de ataques mais frequentes em 2004. No ano, os casos reportados de *worms* – programas capazes de se propagar automaticamente, enviando cópias de si mesmo de computador para computador - se mantiveram em primeiro: foram responsáveis por 55% das notificações recebidas pelo grupo, totalizando 42.267 incidências, enquanto no ano anterior esses ataques somaram 33.415, representando 61% do total. O Brasil é o primeiro da lista dos cinco países de onde se originam 75% dos incidentes de fraude, com um percentual de 29,7%. Em segundo estão os Estados Unidos com 21,29% das fraudes.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo centro de denúncias de fraudes na internet (*Internet Fraud Complaint Center*), uma parceria entre o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) e o *National White Collar Crime Center* (NW3C), os cinco tipos de fraudes mais praticadas no ambiente virtual são: fraude em leilões *on-line* (46,1%) – é a falsa oferta de produtos, comercialização de frutos de roubo, ou ainda no campo da propriedade intelectual; fraude em contrato de compra e venda (31,3%) – falta de entrega do produto negociado ou do pagamento; fraude em cartão de crédito ou débito (11,6%) – obtenção de números de cartões alheios para uso

³¹ Disponível em <http://www.nbso.nic.br/stats/incidentes/>, acessado em 23/04/2005.

criminoso, fraude de investimento (1,5%) – o mais comum são sites de agências bancárias que pedem aos seus correntistas cadastramento para obtenção de dados valiosos, como o número da conta; fraude em negócios (1,3%) – semelhante às que ocorrem na vida física, como contra credores e infrações de propriedade industrial. Temos, então, um panorama paradoxal: a mesma tecnologia que transforma nosso cotidiano também serve de suporte para o incremento de possibilidades delituosas, as quais todos estão expostos – atualmente, 13% das transações bancárias são feitas pela internet. O mundo digital demanda precauções redobradas quando o assunto é dinheiro.

O crime por roubo de propriedade intelectual na internet é um dos problemas que mais causam discussão no Brasil porque a maioria dos criminosos nem mesmo sabem que o são. Com a facilidade de acesso a produtos contrabandeados e sites que oferecem *download* de músicas, filmes e livros, o crime invadiu a vida cotidiana. Os juristas, em geral, se defendem ou apontando para o fato da necessidade de reformulação da lei sobre o assunto, que já é ultrapassada para a realidade atual – mesmo já tendo sido atualizada no ano de 1998 (oitenta e nove de seus cento e quinze artigos são reproduções fiéis da lei de 1973) –, ou se utilizam, a todo tempo, do argumento de que a internet foi um impacto altamente transformador de muitos comportamentos e a rapidez com que isso aconteceu pegou de surpresa a burocracia estatal, que hoje permanece atônita. Decerto, a questão deve girar em torno dos fatos concretos da realidade e de como a lei será feita valer, isto é, de que maneira as autoridades irão conseguir que os internautas cumpram as regras e como irão fiscalizar a publicação, a venda ou a distribuição indevida das propriedades se, na verdade, todos copiam e todos são anônimos. Atualmente, o usuário é um delinqüente perante a lei quando: faz *download* de músicas, filmes ou livros protegidos pelo autor e os coloca à venda ou reproduz propriedade intelectual integralmente em

sites. Ou seja, a legislação brasileira define o crime somente quando a comercialização é constatada.

No dia 21 de março de 2005, foi publicado no jornal *O Globo*, no caderno *Informática etc*, um artigo sobre um grupo de brasileiros – se diziam anarquistas –, que criou um site no domínio gratuito *CJB.NET*, oferecendo de graça obras literárias que ainda não caíram em domínio público. O grupo, que acha que “conhecimento não se compra, se toma” não foi localizado pelos advogados da Câmara Brasileira do Livro para onde o assunto foi levado judicialmente. Esse episódio, muito comum na era do virtual, é mais um exemplo de grupos que aderiram ao recém-consolidado movimento *anticopyright* (anti-direitos autorais). No mesmo caderno, a editora Cora Rónai, expôs em sua coluna o problema da publicação de fotos de artistas com assinaturas alheias. A colunista sugere:

É chato ver fotos que tiramos assinadas por outras pessoas, mas esta é uma chateação da qual é quase impossível escapar atualmente. A quem não suporta essa idéia, o único conselho possível é: jamais suba nada que seja importante para você para a internet! (Folha de S. Paulo, 21/03/2005)

Os problemas em torno das leis que regem a internet são vastíssimos e vão desde sua ausência até a incapacidade de praticar aquilo que já foi recentemente homologado. A rede não interveio nas leis de apenas um ou dois ramos do Direito brasileiro, mas em quase todos. Urge a necessidade de mobilização dos governos, políticos, burocratas, juízes e advogados para buscarem mudanças qualitativas das normas – não só aquelas relacionadas a crimes virtuais – e, conseqüentemente, da evolução dos costumes, do pensamento, e não o retrocesso. Caso contrário a anarquia total permanecerá como ambiente cibernético.

6 – CAPÍTULO 4

LIVRO, TECNOLOGIA CULTURAL INSUPERÁVEL

*“A utopia está no horizonte...
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe jamais a alcançarei.
Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.”*
Eduardo Galeano

*“Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar.
Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito.
Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa.
Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler.
Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. (...)
Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. (...)
Às vezes, sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.
Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.*
Clarice Lispector, em Felicidade Clandestina

Mas de que adianta escrever mais uma crítica ao poder excessivo e a manipulação dos meios de comunicação de massa, em especial da internet, e seus efeitos prejudiciais na sociedade, que não parou de crescer nos últimos anos e cada vez menos surte efeitos? Nada. Assim, faz-se necessária uma contextualização, relacionando a construção do pensamento e o hábito da leitura na sociedade pós-moderna, que, no mínimo, sofreu perdas qualitativas. A urgência já é de um resgate do livro, da leitura aprofundada, aquela que, somente ela, desperta questionamentos e acrescenta valores ao leitor, seja em madeira, argila, papiro, papel ou na tela do computador, é livro do mesmo jeito.

Existe um consenso preocupante entre escritores e editores do mundo todo de que os leitores têm cada vez menos tempo – e paciência – para ler, ou quando o fazem, não aproveitam totalmente o potencial das mensagens. A internet, principalmente, contribui muito para uma profunda afetação das percepções, da concentração e do raciocínio dos indivíduos. Por isso, a defesa da ferramenta que há anos é responsável pela disseminação do conhecimento, este

que gera mobilidade dos grupos humanos, o aumento qualitativo da capacidade crítica dos indivíduos – e, portanto, de seu potencial reivindicatório. Jorge Luis Borges certa vez afirmou, assertivamente, em uma palestra:

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensão do seu corpo. (...) O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. (...) Um livro tem de extrapolar a intenção de seu autor. A intenção do autor é uma pobre coisa humana, falível, mas no livro tem de haver mais. (...) O livro é uma obra divina. (...) Diz Montaigne que podemos contar com a companhia dos melhores homens que a humanidade produziu, mas não os buscamos. Preferimos ler comentários, críticas e não chegamos ao que dizem. (BORGES, 2002, p. 13-20)

Que as novas tecnologias vêm promovendo grandes alterações na sociedade contemporânea, a exemplo de outras grandes revoluções tecnológicas que implantaram novos paradigmas – como o surgimento do livro impresso e da imprensa escrita – não é mais novidade para ninguém. A questão a ser discutida é, além das injustiças sociais que há tempos impedem o aparecimento e a proliferação de leitores críticos, a adaptação dos novos hábitos pós-modernos pelas gerações mais antigas sem uma articulação qualitativa, isto é, faz-se a substituição do hábito da leitura por outras formas de obtenção de informações mais fáceis e mais rápidas – e portanto mais superficiais. O caso mais grave, entretanto, é o das gerações mais novas, que já nasceram sob a égide da televisão e da internet e por isso lhes foi colocada uma necessidade de informação audiovisual, das aparências e de rápida assimilação. Nas crianças, principalmente, a tecnologia causa grande deslumbramento, fazendo com que as imersões na internet, cada vez mais prolongadas, os desvinculem da vida real. O excesso de conexões tecnológicas deixou as crianças mais agitadas e mais dispersas, dificultando a leitura e a análise crítica. Muitos jovens chegam à universidade – mesmo tendo condições econômicas para tanto – com a leitura de

pouquíssimos livros, porque ainda na escola nasceu o desgosto pela leitura. É urgente a percepção de que os valores tecnicistas de maneira nenhuma substituem o legado cultural oferecido pelos livros. Os valores agregados às novas tecnologias são ínfimos em comparação com aqueles agregados, educacionalmente, culturalmente, criticamente e imaginativamente pela leitura de livros.

Simultaneamente, com a abertura de inúmeras possibilidades de experiências de comunicação proporcionadas pelas novas tecnologias, a sociedade convive com a realidade de um inquietante crescimento do número de analfabetos funcionais. Uma pesquisa³² realizada numa parceria entre a Ong Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro no ano de 2004, revelou que apenas 26% da população com mais de 15 anos têm domínio pleno das habilidades de leitura e escrita, ou seja, um em cada quatro jovens e adultos brasileiros consegue compreender totalmente as informações contidas em um texto e relacioná-las com outros dados. A pesquisa mostra ainda que 9% da população brasileira é constituída de analfabetos absolutos. Os analfabetos funcionais normalmente, sabem escrever, ler e contar, mas não têm habilidades de leitura compreensiva, necessária para satisfazer as demandas do seu dia-a-dia e se desenvolver pessoal e profissionalmente. Preferem ouvir explicações orais e quase sempre agem por tentativa e erro. O professor universitário e mestre em literatura, Severino Francisco afirmou em artigo intitulado *Sociedade da Desinformação* que

no caso de países como o Brasil, em que a era virtual chegou sem que tivesse se sedimentado uma tradição letrada, a situação adquire um acento mais dramático. (...) é preciso registrar que a ausência de contato dos adolescentes com o livro implica em uma ruptura com todo o legado cultural da humanidade acumulado durante séculos. (2005)

³² Disponível em <http://www.ipm.org.br/an.php>, acessado em 05/05/2005.

Na Alemanha, a taxa de analfabetismo funcional é de 14%. Nos Estados Unidos, 21%. Na Inglaterra, 22% (para melhorar esta taxa, o governo britânico criou a *Hora da Leitura* no ensino fundamental). Na Suécia, a taxa é de 7%.

O que se deve questionar são os novos modelos de organização da informação e da comunicação na internet e o que eles revelam, de fato, nesta nova conformação da sociedade, que a cada segundo adere sem resistência aos (des)valores pós-modernos, deixando de lado a qualidade da educação, da cultura e da democracia. É preciso desenvolver estratégias para motivar e atrair a geração digital, haja vista que cada vez mais cedo crianças e adolescentes são sugados pela televisão e pela internet com seus mil e um jogos de sedução, apelos ao prazer, artimanhas lúdicas e promessas de felicidade. O estudioso crítico canadense McLuhan (1911-1980) em seu conhecido livro *Os meios de comunicação como extensões do homem* (MCLUHAN, 1969, p. 27), já chamava atenção para os princípios da uniformidade, da continuidade e da linearidade característicos da impressão tipográfica, em oposição ao “mundo da estrutura e da configuração” introduzido pela onda elétrica. Na era digital é justamente esse paradigma sequencial e linear do livro impresso que está entrando em crise e, conseqüentemente, a compreensão da sua mensagem e não o livro – e sua materialidade propriamente dita. Uma alternativa seria adequar os formatos dos veículos eletrônicos para esse novo público inserido nos coloridos das mídias, atentando para configurações que explorem mais a pedagogia do prazer no contato com a leitura qualitativa, fazendo com que a leitura, mesmo virtual, seja construída em cima de vários percursos com os quais o leitor pode exercer sua criatividade, senso crítico e postura questionadora.

O impasse quanto as dificuldades da leitura se estende às questões sócio-econômicas, isto é, à precariedade do sistema educacional brasileiro e ao alto índice de analfabetismo – absoluto e funcional –, aos abismos sociais existentes entre os indivíduos, em especial entre aqueles localizados na zona urbana e rural, além da falta de políticas sérias de incentivo à leitura. Segundo pesquisa encomendada em 2001 pela Câmara Brasileira do Livro e pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros, 61% dos brasileiros adultos alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contato com os livros; não existem livrarias em 89% dos municípios brasileiros e 6,5 milhões de pessoas não têm condições financeiras de comprar um livro³³. A democratização do acesso ao livro só vai acontecer de fato por meio da implantação de bibliotecas públicas, da revitalização das cinco mil bibliotecas existentes, da construção de acervos básicos infanto-juvenis e da realização de campanhas de distribuição de livros. As bibliotecas não podem ser vistas apenas como acervo, mas um mundo de possibilidades de conhecimento, vivência e aprendizado. A alfabetização digital não pode prescindir da alfabetização regular. O livro é uma tecnologia cultural que intensifica, amplia e sofisticada as possibilidades expressivas de qualquer outra mídia ou tecnologia da informação, pois leva à reflexão e ao domínio da linguagem. Em uma entrevista publicada no jornal *Folha de S. Paulo* do dia 22/05/2005 o bibliófilo José Mindlin afirmou que “até ler gibi é melhor que ver TV”.

A leitura deve ser vista como uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo, mesmo porque o “nascimento e plenitude da razão estão condicionados pelo anúncio de observações de outras mentes que nos precederam e que é transmitido pela palavra oral ou escrita”. (MERANI, 1972, p. 40)

³³ Disponível em <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/analfal.htm>, acessado em 23/04/2005.

Isso significa que a leitura é responsável pela participação do homem na vida em sociedade e nas mudanças futuras por ele visionadas na medida em que, nas páginas dos livros, se apresenta o passado e o presente da humanidade. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, impede a alienação, capacitando a sociedade para o exercício de sua plenitude, a liberdade.

Todavia, chega-se a um questionamento plausível – porém facilmente refutável: os livros, dependendo do seu conteúdo, também não podem oferecer a possibilidade de deseducar o leitor? Se os livros de hoje deseducam é porque o pensamento do homem pós-moderno está equivocado, afinal o livro é reflexo direto da memória da sociedade. Os escritores que aspiram à ficção popular, por exemplo, estão escrevendo de maneira mais simples, enquanto leitores mais apressados, angustiados ou preguiçosos que procuram obras acessíveis lêem de maneira mais simples. O resultado final é que esse gênero foi despido e hoje se parece mais com a televisão. Mas os livros ruins, embora aparentem ser maioria em razão da publicidade e do marketing que recebem (a propaganda é fator intrínseco hoje em dia à escolha dos indivíduos), são minoria – para constatar a afirmação, basta entrar em uma boa biblioteca.

As editoras também contribuem para a disseminação de livros de baixo teor construtivo, já que, ao invés de fazer o trabalho de triagem qualitativa de conteúdos, utilizam critérios lucrativos para publicar os milhares de escritos que recebem. Assim, estabeleceu-se uma indústria cultural igualmente voltada para os valores pós-modernos, resultante de uma sociedade cheia de buracos ideológicos, alienada e voltada para si mesma, que publica aquilo que gera lucro e compra aquilo que a televisão evidencia. Isso só acontece atualmente porque a própria educação serve às estruturas do regime de dominação e concentração de poder, mantendo a realidade desigual, que privilegia exclusivamente a classe economicamente abastada. A educação não é

voltada para as reais necessidades do povo brasileiro. Se fosse, desde pequeno o leitor saberia examinar, analisar, avaliar, criticar, filtrar e, por fim, apreender aquilo que considera construtivo. Para escrever um bom livro é preciso ter o hábito da leitura e quem lê por si só detém senso crítico e reflexivo, os quais são inerentes à leitura.

Severino Francisco em um dos parágrafos de seu artigo *Sociedade da Desinformação* faz uma alusão brilhante ao cientista e escritor de ficção científica Isaac Asimov (1920-1992) e a uma nova tecnologia hiperavanzada, que vale a pena transcrever na íntegra.

Asimov anuncia uma nova e fantástica invenção tecnológica, dotada das qualidades inimagináveis de, ao mesmo tempo, promover links entre imaginação e memória como nenhum outro computador seria capaz de fazer, consensar uma quantidade enorme de informação em um espaço mínimo, expandir as fronteiras do conhecimento para além dos limites da sala de aula, depurar a linguagem, aguçar o senso crítico, propiciar conexões mente a mente, proporcionar a oportunidade de entrar em contato com pessoas de todos os tempos (vivos e com os mortos), adequar-se à subjetividade do portador. E tudo isso funcionando sem bateria. Para quem julgar inverossímil o artefato idealizado por Asimov bastaria evocar que, a partir da metade do século 20, robôs, clones, satélites e sistemas virtuais de informação e outras invenções da mais descabelada imaginação de ficção científica invadiram o nosso cotidiano. Mas, depois de enumerar exaustivamente as qualidades da nova invenção tecnológica, Asimov revela que ela já existe: é o livro. E, finalmente, lança um desafio: quando os novos meios de comunicação alcançassem a sofisticação do livro como tecnologia cultural e educacional seria possível levar a sério os profetas da era virtual. (2005)

Os brasileiros, no entanto, parecem estar despertando para a importância dessa tecnologia de ponta. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 67% dos brasileiros têm interesse pela leitura. O presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, acha que houve uma mudança significativa na literatura infantil. “Antigamente, tínhamos os clássicos que

as escolas colocavam como literatura obrigatória. Ou então os livros eram adaptados. Agora as editoras lançam livros especialmente escritos para os jovens” (suplemento *Folhateen*, do jornal *Folha de S. Paulo*, de 09/05/2005). Os lançamentos de livros direcionados ao público jovem têm sido normalmente acompanhados de palestras em bienais, em que escritores e outros profissionais falam de sexualidade, drogas, economia, ciência, profissão, comportamento, saúde, gravidez, televisão e violência. Essa contextualização plural é imprescindível para a compreensão qualitativa de uma leitura. Assim, como formar bibliotecários capacitados para orientar quem vai à biblioteca. O cantor Tony Belloto do grupo musical Titãs considera a leitura infanto-juvenil fundamental e por isso escreve contos policiais para a faixa etária. Em entrevista a *Folha de S. Paulo*, do dia 9 do mês de maio de 2005, Tony diz enxergar sua responsabilidade como escritor.

Acho que é preciso estimular o hábito da leitura. (...) desde garoto queria ser músico. Mas alguns escritores me fígaram desde cedo. Para mim, alguns livros eram como discos de rock. (Folha de S. Paulo, 09/05/2005)

O projeto não governamental de incentivo à leitura Leia Brasil, criado em 1992, é bastante louvável, apesar de só atingir 57 municípios brasileiros. A missão da Ong é democratizar os livros e outros bens culturais por empréstimo; oferecer cursos, oficinas e treinamento continuado para educadores, bibliotecários e outros agentes de leitura; planejar e realizar eventos, espetáculos, encontros culturais e projetos promocionais em torno do livro e da leitura; incentivar a produção de textos; editar os Cadernos de Leituras Compartilhadas; além de armazenar e divulgar informações sobre a promoção da leitura. O programa conta com 16 caminhões transformados em bibliotecas volantes com mais de oito mil títulos nacionais e estrangeiros, além de vídeos e revistas. As crianças pegam os livros que quiserem e os devolvem na próxima visita do caminhão. Da parte do governo federal há a promessa de lançamento no

segundo semestre de 2005 do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que pretende em dois anos aumentar em 50% o índice de leitura, hoje estimado em 1,8 livro por habitante/ano. Se comparado a países desenvolvidos, essa média é lamentável. Na França, esse índice é de 7, nos Estados Unidos, 5,1, na Itália, 5 e na Inglaterra, 4,9. A média anual brasileira de leitura entre os que lêem é de 12 obras e a compra per capita de livro não-didático por adulto alfabetizado é de 0,66³⁴.

Segundo o coordenador do PNLL, Galeano Amorim, o Plano tem quatro eixos: o acesso ao livro, a formação de professores e bibliotecários, as ações de valorização do livro e da leitura e o apoio à cadeia produtiva e criativa do livro. Porém, a tendência dos programas de incentivo à leitura do país é transformarem as boas intenções iniciais em um objetivo muito mais mesquinho: zerar estatísticas e não, de fato, formar o cidadão, estimular discussões e dar vazão para criatividade e para o pensamento. Comprar livros e colocar nas bibliotecas, novamente, não vai resolver o problema.

A leitura é uma forma de alcançar a felicidade, não o prazer momentâneo eufórico, mas uma espécie de gozo pleno, atingida apenas quando um novo conhecimento é apreendido pelo indivíduo. A diferença é que o prazer provém da prática confortável da leitura, de algo que não leva à reflexão, mas mantém a cultura existente. Por mais paradoxal que pareça, o texto da felicidade é resultado de uma leitura que rompe com a cultura momentânea, levando o leitor a repensar conceitos arraigados. Quanto mais o texto é capaz de conscientizar o leitor, se sobrepondo às verdades que para ele eram supremas, maior a elevação do sujeito e, portanto, do que Barthes chama de “fruição”. Barthes afirma que o texto de fruição é

³⁴ Disponível em www.geracaobooks.com.br/literatura/texto1.php, acessado em 23/04/2005.

aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta (talvez até chegar a um certo aborrecimento), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem. (...) O texto de fruição é absolutamente intransitivo. (BARTHES, 1999, p. 49, 97)

Peter Sloterdijk, filósofo alemão, expôs em seu livro *Regras para o parque humano*, sua preocupação quanto ao excesso de tecnicismo da era, em especial, nos quesitos biogenéticos. Afinal, do jeito como as sociedades, inertes, estão sendo levadas pela corrente, nada mais apropriado (e polêmico) do que imaginar os desastres que podem vir a ser provocados com o controle sobre a seleção da espécie humana, sem um tipo de conselho ético. Mais importante, no entanto, são as considerações de Sloterdijk sobre a crise do humanismo, que era considerado como forma de “domesticar” e reprimir a animalidade biológica do ser humano, num esforço pacificador, e passou a ser tido por diversos filósofos como responsável pelo excessivo antropocentrismo dos homens, que culminou em guerras devastadoras no passado e hoje despreza valores educacionais, como o hábito da leitura como indutora do questionamento sobre o que é ser humano. Sloterdijk identifica na crítica de Nietzsche a essa domesticação, a denúncia de um projeto de criação de seres humanos, em que “criadores” moldam os seres humanos como seres pacíficos e inócuos, para que não representem ameaça para os outros, e o vislumbre de um projeto oposto. Trata-se de opor, aos que criam o homem para ser pequeno, o projeto de criá-lo para ser grande. Essa é a maneira que Nietzsche enxerga a superação do humanismo. Para tanto, seria necessário neutralizar os mecanismos sociais repressivos, historicamente utilizados para submeter os fortes ao interesse dos fracos.

Quanto às práticas genéticas, Sloterdijk vê um reforço aos impulsos inibidores (no sentido do que ele chama de *Hemmung*, isto é, o hábito da leitura como capaz de “pacificar”

em oposição aos frenéticos divertimentos do “desinibido *homo inhumanus*”) que os meios tradicionais de educação não mais conseguem gerar em proporção suficiente para se opor ao crescente embrutecimento da sociedade pós-moderna de massas, submetida a uma onda desmobilizadora sem precedentes, pelos meios de divulgação da indústria de entretenimentos. Ao considerar a possibilidade de uma reforma genética da espécie, o autor afirma em uma nota de rodapé:

Assim como na Antigüidade o livro perdeu a luta contra o teatro, hoje a escola poderá ser vencida na batalha contra as forças indiretas de formação: a televisão, os filmes violentos e outras mídias desinibidoras, se não aparecer uma nova estrutura de cultivo capaz de amortecer essas forças violentas. (SLOTERDIJK, 2000, p. 46, nota 14)

Pressupõe-se que o que Sloterdijk tem em mente é algum tipo de controle genético que promova reflexão, uma última tentativa de alcançar os resultados almejados pelo humanista, ainda que por meios não-humanistas.

7 – CONCLUSÃO

*“(...) parece que agora não só os deuses,
 mas também os sábios se retiraram,
 deixando-nos sozinhos com a nossa ignorância
 e nosso parco conhecimento das coisas.
 O que nos restou no lugar dos sábios são seus escritos,
 com seu brilho áspero e sua crescente obscuridade;
 eles ainda continuam à disposição em edições
 mais ou menos acessíveis, e ainda poderiam ser lidos,
 se ao menos os homens soubessem
 por que ainda deveriam lê-los.”*
Peter Sloterdijk

A internet é o instrumento perfeito para obtenção dos mais variados tipos de informação, com a condição de que o que se procura seja, na sua maioria, superficial, de pouca ou quase nenhuma postura crítica e tenha prazo de validade à beira do vencimento. A rede oferece, como uma espécie de dicionário virtual evoluído, todos os tipos de futilidades úteis, especialmente do imediatismo. A rede deve ser consultada para fins de complementação de um conhecimento, oferecendo fatos do presente que possam ser correlacionados ao que se está pesquisando e não como o supra-sumo da sabedoria generalizada. Seu uso pressupõe capacitação, especialmente para a difícil tarefa de selecionar conteúdos relevantes das imbecilidades, que cada vez mais poluem a rede.

As conclusões deste trabalho levam a crer que a internet trouxe sim inúmeras facilidades, mas não produziu de fato quase nada de qualidade. É realmente formidável poder acessar diversos outros meios de comunicação pelo computador, inclusive bancos de dados que armazenam edições anteriores de jornais, revistas, programas de televisão e de rádio. As bibliotecas virtuais são o que de melhor foi aproveitado do potencial da rede, mesmo que o acesso aos conteúdos seja pago ou restrito. A proposta de criação de repositórios livremente acessíveis de literatura científica talvez um dia se consolide e então possa enriquecer de

conhecimentos variados, aprofundados e bem articulados – ou seja, significantes – a rede. Mas como espelho da sociedade pós-moderna, a internet revelou que as atuais prioridades dos indivíduos giram em torno de frivolidades e ilegalidades.

Os principais usos da internet não só pelos brasileiros, mas também mundialmente são para fins de entretenimento, provavelmente porque em todos os lugares a proporção de jovens (entre 12 e 24 anos) acessando a rede é maior do que a população adulta. Os bate-papos, os jogos eletrônicos, a pornografia, os programas de *downloads* de músicas, videoclipes e filmes, as comunidades do *Orkut*, os portais de fofoca e curiosidades, os *blogs*, os sites que ensinam a *hackear softwares* e os serviços de compra são ainda os alvos prediletos dos usuários. Fica a esperança de que esta geração possa usar essa familiaridade com as tecnologias para gerar avanços qualitativos por meio da internet no futuro próximo, mesmo que a tendência seja contrária. Uma nota na *Revista Veja* (edição 1908), de 8 de junho de 2005, revela que apenas 53% dos itens publicados num site são lidos pelos internautas e somente 7% dos links de notícias são acessados para que elas sejam lidas integralmente.

Uma juventude que cada vez mais cedo agrega os valores disseminados por um veículo audiovisual, como foi relatado nos capítulos anteriores, dificilmente desenvolve características de análise crítica, visão de mudança ou mobilização. Entretanto, a tecnologia não vai deixar de existir e por isso deve-se pensar em ações que amenizem seus efeitos negativos. A conscientização dentro da escola de que a internet deve ser usada com certo cuidado já um começo. O incentivo ao hábito da leitura e à prática da filosofia é meio caminho andado. Os meios de comunicação de massa nem sempre precisam veicular apenas conteúdos afinados pela mediocridade.

O extremo do mau uso da rede se materializa no aumento crescente das fraudes e crimes cometidos pela internet porque, embora alguns ignorem, mesmo por pouco tempo – até que sejam vítimas –, ela é extremamente vulnerável. O criminoso, além de não agir somente onde pode tocar, já que a rede libera as fronteiras de todos os países do globo e ainda o protege pelo anonimato, não é punido adequadamente no Brasil em razão de uma legislação cujas normas relativas ao assunto estão ultrapassadas. Os juristas mal sabem por onde começar. Os danos causados por crimes cibernéticos, normalmente praticados por adolescentes, podem desde desestabilizar países, destruindo suas economias, até promover a violência, alimentando a indústria do sexo que atualmente se estende às bizarrices mais inusitadas.

Categorizar os crimes de acordo com a função assumida pelo computador: arma, ferramenta ou centro de dados, pode ajudar. Na primeira, o computador pode ser usado para causar danos a sistemas (disseminando vírus ou paralisando serviços pela sobrecarga na rede) ou para roubar informações estratégicas (militares, por exemplo) ou de valor econômico (como números de cartões de crédito). O computador também pode ser uma ferramenta para cometer crimes já praticados, como jogos de dinheiro, pornografia infantil e pirataria, ou ter função de um centro de dados, para criar, enviar e armazenar informações de pessoas, companhias, governos e até criminosos, permitindo sua articulação.

A informação (saber como e quando usá-la) é hoje sinônimo de poder. A emergência de um novo tipo de sociedade inserida na tecnologia faz surgir também, em contrapartida, a sociedade da desinformação, cuja perversidade é reflexo dos donos do poder, isto é, dos meios de comunicação. O acesso igualitário aos meios de comunicação hoje, em especial à internet, é o principal parâmetro para medir o desenvolvimento de uma sociedade e o Brasil

reflete exatamente seu grau ainda primário quando se constata que nem mesmo o acesso à educação é igualitário. Quem dirá à tecnologia. A iniciativa de formular diretrizes e políticas voltadas para a inserção digital de toda população culminou no *Livro Verde*. Pouco é colocado em prática em razão de prioridades do governo brasileiro relacionadas à precária situação social do país. Para diminuir o abismo do acesso à tecnologia, são necessárias medidas que de fato criem condições de igualdade nas escolas, bibliotecas e outros locais públicos, bem como o desenvolvimento de programas de apoio às associações culturais, centros de juventude e outras organizações que contribuam para o combate à iniquidade nos meios de acesso e de assimilação dos benefícios que a sociedade da informação pode oferecer. As ações devem ser conjuntas, de forma a promover o desenvolvimento sustentável da tecnologia e da educação, ampliando seu conceito para a aprendizagem como processo inacabável.

Cabe ao sistema educativo fornecer, a todos, meios para dominar a proliferação de informações, de as selecionar e hierarquizar, com espírito crítico, preparando-os para lidar com uma quantidade enorme de informação que é cada vez mais efêmera e instantânea. Mas se até hoje nada disso foi feito, talvez a única solução para que o país não fique mais para trás seja fazer parcerias internacionais com países que já avançaram em aspectos que ainda são problemáticos por aqui. Além disso, é preciso acabar de vez com a corrupção, que interrompe o alcance de recursos essenciais na manutenção do Programa Sociedade da Informação do Brasil em municípios e regiões mais remotas. O Programa, para dar certo, exige esforços conjuntos e articulados do governo, sociedade civil e iniciativa privada conscientes da noção de coletividade.

Enquanto apenas soluções paliativas são colocadas em prática, o brasileiro, principalmente nas grandes cidades, sofre com a dificuldade de processar a quantidade de

informações que recebe diariamente. As doenças do futuro convergem para problemas de ordem psicológica, cujas causas se relacionam com alguma deficiência emocional, tais como ansiedade, depressão, obesidade, hiperatividade, transtorno obsessivo compulsivo, distúrbio de bipolaridade, déficit de atenção e muitas outras. A individualidade em detrimento da coletividade retrai os indivíduos em si mesmos, que se sentem cada vez mais pressionados a lidarem sozinhos com o turbilhão de confusões e, quando não conseguem recorrem aos remédios para alívio momentâneo. As pessoas estão mais neuróticas, mais fúteis, mais vazias, mais ambíguas, mais egoístas e mais desesperadas. Talvez por isso o aumento significativo da religiosidade, em especial da conversão evangélica, da população. De acordo com Kierkegaard (KIERKEGAARD, 2001), o desespero é a perda do eu, que leva o sujeito a desacreditar que possa resolver seus próprios problemas, transferindo a responsabilidade para um ser superior, um deus capaz de salvar o penitente eternamente.

A problemática é facilmente constatada quando se recorre à taxa de analfabetismo funcional no Brasil. Estudantes da classe média brasileira lêem pior do que operários alemães. Dos 74% de brasileiros analfabetos, 30% lêem, mas compreendem muito pouco, 36% entendem alguma coisa mas são incapazes de interpretar e relacionar informações e 9% não compreendem absolutamente nada. Com relação à matemática, 77% são analfabetos funcionais. É gravíssimo o fato de o Brasil ter começado o século 21 com um número maior de analfabetos funcionais do que tinha de analfabetos absolutos no começo do século passado. Não é por acaso que o contingente de leitores de livros no Brasil seja tão pequeno em relação à população. Apenas 17 milhões de pessoas compraram ao menos um livro no último ano, 10% da população. A única maneira de mudar isso é incentivando a população, desde pequena, ao hábito da leitura. Projetos isolados não vão produzir resultados se não estiverem no bojo de um trabalho

maior e contínuo. O governo, já que está sempre mais preocupado com as estatísticas deve ter consciência de que o índice de desenvolvimento do país não vai crescer se a população está tão mal preparada. Por outro lado, um povo iletrado é um povo ignorante, incapaz de provocar mudanças ou revoluções do paradigma reinante, que normalmente é mantido pela classe letrada em favor sempre de seus próprios interesses. Além disso, o fato de somente um grupo seletivo ser alfabetizado funcionalmente aparece em momentos decisivos como das eleições municipais. Enquanto a minoria vota conscientemente, a maioria se deslumbra com os delírios embalados pelo marketing. Isso pela simples e óbvia razão de que, com baixa escolaridade, a democracia será sempre uma simulação de representatividade.

Na era da velocidade, as escolas funcionam num modelo muito semelhante ao das fábricas, como uma linha de montagem em tempo mecânico. A vida escolar muitas vezes se transforma num verdadeiro pesadelo para as crianças, que vêem a experiência como sofrida. A consequência é o não aprendizado. O caminho da reforma da educação não passa por novas tecnologias ou inclusão digital. As mudanças só vão ocorrer quando houver a mudança do paradigma inicial, aquele que gera todos os problemas: a ausência de coletividade. Os sentidos de justiça social, cidadania, solidariedade ao próximo e igualdade entre as classes deixaram de ser uma das capacidades do ser humano há muito tempo. Uma nova coerência só vai aparecer quando for sanada a pobreza de espírito das pessoas – que não tem nada a ver com religião –, quando houver um sacrifício real – sacrifício de confortos, sacrifício de celulares, sacrifício da vida privilegiada que levam os detentores do poder. Hoje, há um monte de discursos simbólicos, mas nenhuma ação.

Então, o que poderia deter o turbilhão descontrolado de prejuízos causados pelo excesso de mídias amputadoras do pensamento senão um colapso catastrófico da humanidade? (No filme *Inteligência Artificial*, de Steven Spielberg, nem mesmo o aquecimento global nem a imersão total da cidade varreram as mídias.) A torcida é para que não se chegue a tanto, mas da forma como as coisas estão a batida não vai parar. Cobiça e praticidade demais convergem no espetáculo incessante; excesso de desejo humano de brincar, testar-se e aperfeiçoar-se, sentir, sentir-se bem, sentir com outros, sentir de forma conveniente; excesso de desejo de prazer sensorial, de um refúgio do cálculo, de uma fuga da vida, ou da morte, ou de ambas. Os veículos de comunicação vêm reunindo forças há séculos. Por que suas canções e histórias deixariam de gerar entusiasmo e angústia, produção e consumo, celebridade e ironia, fãs e tédio, críticas e bloqueios, paranóia e secessão? Por que uma sociedade em que as pessoas priorizam seus caprichos repeliria a situação atual?

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, James Truslow. **The tempo of Modern Life**. Boston: Albert and Charles Boni, 1931.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Indiana: Ballantine Books, 1995.
- BORGES, Jorge Luis. **Cinco Visões Pessoais**, trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 225.
- CHION, Michel. **La audovisión: introduccion a um análisis conjunto de la imagen y el sonido**. Barcelona: Paidós, 1998.
- ECO, Umberto. **Travels in Hyperreality**. San Diego: Harcourt Brace, 1986.
- ELIOT, George [Mary Evans]. **Adam Bede**. Nova Iorque: Viking Penguin, 1980.
- GITLIN, Todd. **Mídias sem limite: Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias – do game à TV interativa**. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- GRUBER, Brian. A Internet terá 10 milhões de usuários no Brasil. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 24/04/2000. Artigo.
- GWERCNAN, Sérgio. Cada vez mais acelerados. **Revista Super Interessante**. São Paulo: Abril, edição 211, 2005, p. 52, 53.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo, 2000.
- KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- KOVACH, Bill; Rosenstiel Tom. **Os elementos do Jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KRUG, Steve. **Não me faça pensar: Uma abordagem do bom senso à navegabilidade da Web**. São Paulo: Market Books, 2001.

LANDOW, George. **Hypertext 2.0: the Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology**. 2ª ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

LEI nº 8.069, de 13/07/90, artigo 241. Dispõe sobre fotografar e publicar imagens de crianças em veículos eletrônicos. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. (Também disponível em www.ambito-juridico.com.br/aj/eca0010.htm, acessado em 22/03/2005).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Também disponível em <http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy/educaecyber.html>, acessado em 24/04/2005.

MARSIGLIA, Ivan. Seja rico, seja bonito, seja feliz. **Revista Trip**. São Paulo: Trip, n. 118, ano 17, janeiro de 2004, p.86-96. Entrevista.

MARX, Karl; Engel Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**, trad. José Barata Moura. Lisboa: Avante!, 1997. (Também disponível em www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista, acessado em 24/04/2005)

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como extensões do homem**, trad. Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

MERANI, Alberto. **A Conquista da Razão**, trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde**, Brasília, 2000.

MURRAY, Janet. **Hamlet on the Holodeck: the Future of Narrative in Cyberspace**. Nova Iorque: The Free Press, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Também disponível em www.tognolli.com/html/mid_tsunami.htm, acessado em 05/05/2005).

ORWELL, George. **1984**. 8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

SILVA, Juremir Machado da. **A Miséria do Jornalismo Brasileiro: as (in)certezas da mídia**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMMEL, George. **The Metropolis and Metropolitam Life**, trad. Edward A. Shils. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**, trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7ª ed. Lisboa: Presença, 2002.